

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

KELLEY ALEXANDRE DA LUZ

**APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ABORDAGEM DO TEMA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

JARDIM-MS

2011

KELLEY ALEXANDRE DA LUZ

**APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ABORDAGEM DO TEMA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras
Habilitação Português-Inglês da Universidade Estadual de
Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do
grau de Licenciado em Letras.

Orientador: Prof^ª. MSc. Patrícia Gressler Groenendal da Costa.

JARDIM-MS

2011

KELLEY ALEXANDRE DA LUZ

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO DE LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS-INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

**APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ABORDAGEM DO TEMA DA
VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO
FUNDAMENTAL**

APROVADO EM: ____/____/____

Orientador: Prof^ª. MSc. Patrícia Gressler Groenendal da Costa.

UEMS

Prof. MSc. Clemilton Pereira dos Santos

UEMS

Prof^ª. Elida Rojas Franco

UEMS

LUZ, Kelley Alexandre da.

APORTES TEÓRICOS E METODOLÓGICOS PARA ABORDAGEM DO TEMA DA VIOLÊNCIA ESCOLAR NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA NO ENSINO FUNDAMENTAL.

Jardim-MS, 64 p. 2011.

1. Violência Escolar

2. Prática Pedagógica

3. Encaminhamento Didático

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul permissão para reproduzir cópias desse trabalho de Conclusão de Curso somente para propósitos acadêmicos e científicos.

Dedico essa monografia a Deus, à minha mãe Herondina, a meu esposo Gabriel e em especial aos meus dois filhos, Gustavo e Gean, como forma de incentivo futuro.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, por tudo de bom que ele nos oferece todos os dias.

A minha família (mãe, esposo e filhos), por compreenderem e perdoarem a minha ausência nestes quatro anos de estudo, e não me deixarem desistir do curso.

A minha orientadora, professora Patrícia Gressler Groenendal da Costa, pelo empenho profissional, pelos seus conhecimentos, sua atenção e sua boa vontade. E por tornar possível a conquista desse sonho. Que Deus te abençoe e te guarde.

A Dona Antônia Areco por ter cuidado dos meus filhos quando estava na faculdade, meu muito obrigado.

Agradeço a Universidade Estadual do Mato Grosso do Sul (UEMS) pelo acolhimento.

Aos meus professores que dividiram os seus conhecimentos, fazendo com que meu desenvolvimento fosse o melhor possível. Obrigada.

“Não pode ser seu amigo quem
exige seu silêncio ou atrapalha seu crescimento”.

(Alice Walker)

RESUMO

O presente trabalho de conclusão do curso de Letras, com habilitação em Português/Inglês, tem por objetivo suscitar reflexões sobre os sentidos de éticas, consciência social, valores morais, atitudinais e humanos, no ensino da Língua Portuguesa, especialmente no nono ano no Ensino Fundamental. Visa ainda pensar a violência escolar; apresentar alguns subsídios para o professor do ensino fundamental abordar o problema em sua prática pedagógica; oferecer sugestões de encaminhamentos didáticos nas aulas de Língua Portuguesa, especialmente em atividades de leitura e produção de textos; diagnosticar e combater alguns problemas desta natureza, dentro da sala de aula. Para tanto, tivemos como fundamentação teórica e metodológica as contribuições da Didática de Ensino, da Psicologia da Educação e da Prática de Leitura e Produção de Texto, com o pensamento de teóricos como Claudivan Sanches Lopes (2001), Marília Pontes Sposito (1998), Cléo Fante e José Augusto Pedra (2008). A violência escolar é um problema social antigo, mas que só agora começou a se efetivamente estudado por pesquisadores, que apontam diversos aspectos negativos apresentados pelas vítimas destes tipos de violências.

Palavras-chave: violência escolar, prática pedagógica, encaminhamento didático.

ABSTRACT

The present work of graduation Arts, major in English/Portuguese, aims to raise reflections on the meanings of ethics, social conscience, moral values, attitudinal and human, in the teaching of Portuguese Language, especially in the ninth year in education fundamental. It also aims to think about school violence, provide some subsidies for the elementary school teacher approach the problem in their practice, offer suggestions for referrals in teaching Portuguese language classes, especially activities Reading and Writing, diagnose and combat some problem this nature within the classroom. To this end, we as theoretical and methodological work of the fields in the disciplines of Teaching Educational, Educational Psychology and Practice Reading and Text based on reflections of Claudivan Sanches Lopes (2001), Marilia Pontes Sposito (1998), Cleo Fantes and Joseph Augustus Stone (2008). School violence is an old social problem, but that is only beginning to be effectively studied by researchers, who cite several criticisms from the victims of these types of violence.

Keywords: school violence, teaching practice, teaching referral.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I – A VIOLÊNCIA DENTRO E FORA DA ESCOLA	
1.1. Diferentes concepções de violência	12
1.2. Bullying e cyberbullying	13
1.3. Violência escolar	16
1.4. A reforma curricular de 1998 e as novas possibilidades de abordagens sobre valores morais e a violência	21
CAPÍTULO II – REFLETINDO SOBRE OS VALORES MORAIS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA	
2.1. Concepções de língua e linguagem	26
2.2. Aportes dos parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental de língua portuguesa	28
2.3. Análise do livro didático <i>Português e Linguagens</i>	29
2.4. Sugestões didático-metodológicas para o ensino fundamental no 6º, 7º, 8º e 9º anos	32
2.4.1. Cinema	34
2.4.2. Poema e Música	38
2.4.3. Debate Deliberativo	40
2.4.4. Literatura Infanto-Juvenil	40
2.5. Por uma educação para os valores e os direitos humanos	42
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS	45
ANEXOS	49
Anexo 1: “Livro didático”	
Anexo 2: “Livro: Entre a espada e a palavra”	
Anexo 3: “Livro: Amor, paixão, amizade”	

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem por objetivos gerais pensar a violência escolar e suscitar reflexões sobre os sentidos de éticas, consciência social, valores morais, atitudinais e humanos, no ensino da Língua Portuguesa, especialmente no nono ano do Ensino Fundamental. Visa ainda apresentar alguns subsídios para o professor do Ensino Fundamental abordar o problema da violência escolar em sua prática pedagógica; oferecer sugestões didático-metodológicas nas aulas de Língua Portuguesa, em atividades de leitura e produção de textos; diagnosticar e combater alguns problemas desta natureza dentro da sala de aula.

A escolha do objeto, a violência escolar, foi propiciada graças a uma experiência enquanto acadêmica do curso de licenciatura Letras/Inglês, no ano de 2009, em projeto de extensão curricular sobre o *bullying*, orientado pela professora MSc. Adélia Maria Evangelista Azevedo. Na ocasião, ministramos uma palestra sócio-educativa aos alunos do 6º ano do Ensino Fundamental da Escola Municipal Chaquib Kadri, na cidade de Jardim, estado do Mato Grosso do Sul, onde percebemos que os alunos já tinham um conhecimento prévio a respeito desse assunto através da televisão, jornal, revistas e pelas experiências vividas dentro de sua própria escola. Ao serem questionados se já tinham sido vítimas de algum tipo de violência, seja ela física ou verbal, 80% dos alunos responderam que sim.

Em pleno século XXI, ouve-se falar muito em violência escolar, problema social que só agora começou a se efetivamente estudado por pesquisadores, apontando diversos aspectos negativos apresentados pelas vítimas destes tipos de violências, que vão desde o isolamento, o medo, o constrangimento até quadros de depressão e suicídio. O problema independe do nível social, está presente também no dia a dia das escolas, sejam elas públicas ou privadas, brasileiras ou estrangeiras e envolve professores, alunos e funcionários.

A escola é um lugar de descobertas, realizações de sonhos, de ampliação e aperfeiçoamento de conceitos teóricos e valores morais, entre outros objetivos positivos, não para a prática de atos de crueldade e vingança; lugar onde prevaleçam princípios da pedagogia, para que sejam adquiridos novos conhecimentos, e não um ambiente violento e constrangedor. Portanto, acredito que cabe também a escola contribuir para a prevenção e o enfrentamento de qualquer tipo de violência. Acredito que uma das formas de contribuirmos para a mudança deste quadro é desenvolvermos pesquisas sobre o papel do professor de língua portuguesa no enfrentamento da violência escolar, especialmente o *bullying*.

A abordagem teórico-metodológica deste trabalho de pesquisa insere-se nos campos das disciplinas de Didática de Ensino, Psicologia da Educação e Prática de Leitura e Produção de Texto. Onde se procurou o respaldo teórico em autores como Claudivan Sanches Lopes (2001), Marília Pontes Sposito (1998), Cléo Fante (2008), Miriam Abramovay (2005), José Augusto Pedra (2008), Paulo Freire (1996), Parâmetros Curriculares Nacionais (1998), entre outros, de suma relevância para a pesquisa.

Ao reconhecer estas ideias e realidades sobre a violência escolar, passamos a organizar este trabalho em dois capítulos, sendo que capítulo primeiro, *A violência dentro e fora da escola*, aborda as diferentes concepções de violências; bullying e cyberbullying; violência escolar; reforma curricular de 1998 e as novas possibilidades de abordagens sobre valores morais e a violência.

O capítulo segundo, *Refletindo sobre os valores morais e a violência escolar nas aulas de língua portuguesa*, contempla reflexões sobre língua e linguagem; aportes dos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de Língua Portuguesa; análise do livro didático *“Português e Linguagens”*; e sugestões didático-metodológicas para o Ensino Fundamental no 6º, 7º, 8º e 9º anos.

CAPÍTULO I

A VIOLÊNCIA DENTRO E FORA DA ESCOLA

1.1. Diferentes concepções de violência

Um problema para a definição do significado do termo violência é o fato de não se conseguir conceituá-la devidamente, já que é um termo que comporta contradições e ambiguidades e que depende de inúmeros aspectos culturais, socioeconômicos, históricos, tanto de natureza individual ou coletiva. Segundo o dicionário Aurélio (2004) “violência é a qualidade de ser violento, ato de violentar, constrangimento físico ou moral; uso da força; coação”.

Mas seja na filosofia, sociologia, na educação ou em qualquer outro campo do conhecimento, a definição é sempre problemática, pois cada autor tem seu ponto de vista sobre o que venha a ser o conceito de violência. O conceito de violência também abrange questões de idade, sexo e o status social, e conforme aponta Miriam Abramovay (2005), “apresentar um conceito de violência requer certa cautela, isso porque ela é, inegavelmente, algo dinâmico e mutável” (WILLIAMS *apud* FERREIRA, 2010, p.53).

Na visão de Mauricio Murad, o termo violência:

Provém do latim *violentia*-raiz semânticas *vis* = força - e significa opressão, imposição de alguma coisa a outra pessoa ou a outras pessoas, por intermédio do emprego da força, qualquer que seja o seu tipo, a sua substância, forma ou sentido: força dos poderes social, econômico, jurídico ou político, força das armas, força física, força simbólica ou de qualquer outra natureza que se queira. (MURAD, 2007 *apud* SILVA, 2008, p.18).

Aurélio Buarque de Holanda Ferreira (1999) classifica o termo violência como:

Qualidade ou caráter de violento. / Ação violenta: cometer violências. / Ato ou efeito de violentar. / Opressão, tirania: regime de violência. / Direito Constrangimento físico ou moral exercido sobre alguém. E quanto ao léxico da palavra encontramos que violência é “1. Qualidade de violento. 2. Ato violento; 3. ato de violentar; constrangimento físico ou moral; uso da força; coação” (FERREIRA, 1999, p.2076 *apud* LOPES, 2001, p.16).

Nas palavras de Marilena Ristum e Ana Cecília de Sousa Bastos (2004), a violência é conceituada na literatura muitas vezes “[...] sem a especificação de critérios, ou com critérios confusos, de forma a dificultar seu uso por outros pesquisadores. Consequentemente são

muitas as dificuldades encontradas na complementação ou na comparação entre os dados de diferentes pesquisas”. (RISTUM e BASTOS, 2004, p. 226 *apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p.47).

Claudivan Sanches Lopes (2001) argumenta que violência é tudo aquilo que ataca a cidadania ou a reduz é um tipo de violência. E que há com toda a certeza um entrelaçamento histórico profundo, entre a instituição escolar e a construção da cidadania.

A violência, em todas as suas formas de manifestação, contribui para obstaculizar o acesso e o gozo de direitos socialmente adquiridos. Nega veementemente o diálogo e o estabelecimento de canais democráticos na negociação dos conflitos. Em suma, nos conduz a um processo de “desumanização”. (LOPES, 2001, p.21).

A violência nas escolas é um fato bastante lamentável e que vem tomando proporções ainda maiores, onde muito dos professores e alunos relatam já ter vivenciado ou sofrido, direta e indiretamente, situações de violência. Além disso, tematizar a violência na escola é dever de todos, desde os docentes, alunos, famílias até a comunidade. No objetivo de discutir, propor soluções e trazer a realidade vivida fora da instituição, de forma pedagógica, possibilitando uma sintonia com o que ocorre fora dos portões da instituição com o que ocorre dentro dela.

Observa-se que a violência é decorrente de vários problemas sociais sendo necessária a utilização de várias frentes de trabalhos para o combate a essa lamentável situação. O que têm gerado profundos debate em relação às suas causas e conseqüências que pode ocasionar nos indivíduos que sofre esses tipos de violências.

1.2. Bullying e cyber-bullying

Um tipo de violência muito comum ocorrido nas escolas é o *bullying*, expressão que vem do verbo em inglês *bully*, significa *valentão, brigão*; usar da superioridade física para intimidar alguém; são expressões que deram origem ao termo *bullying*. Seu conceito é amplo e envolve atos de violências psicológicas, físicas e sociais que ocorrem em vários ambientes, nos quais as pessoas estão sempre em contato uma com as outras; tais como escola, faculdade/universidade, família; mas pode ocorrer também no local de trabalho e entre vizinhos, causando dor e angústia.

O *bullying* de fato, sempre existiu, e é um problema mundial, no entanto, com a influência da televisão e da internet, os apelidos pejorativos foram tomando outras

proporções. “O fato de ter consequências trágicas, como mortes e suicídios, e a falta de impunidade proporcionou a necessidade de se discutir de forma mais séria o tema”, aponta Guilherme Schelb, procurador da República e autor do livro *Violência e Criminalidade Infanto-Juvenil*. (www.guiame.com.br/).

O primeiro estudo feito no Brasil a respeito desse assunto foi coordenado pelo médico Aramis Lopes Neto, realizado pela ABRAPIA (Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e Adolescência) em escolas de Ensino Fundamental no Rio de Janeiro em 2002. As reflexões mostraram que a agressividade é uma atitude de defesa, e é, para o ser humano, o recurso do mais fraco, do menos criativo, sendo também a ferramenta dos impulsos vindos do nosso instinto de sobrevivência. Crianças que apresentam esse comportamento muito agressivo são de forte temperamento, inconformadas com a falta de autoridade que percebem em seus pais. Ou até mesmo reproduzem os atos de violências que sofrem dos seus próprios familiares. (<http://www.observatoriodainfancia.com.br/>).

Uma pesquisa divulgada em sete de outubro de 2008, pela Organização não-Governamental Internacional Plan, que atua em 66 países em defesa dos direitos da infância, apontou que 70% dos 12 mil estudantes pesquisados dos seis estados brasileiros, afirmaram terem sido vítimas de violência escolar. Outros 84% desse total apontaram suas escolas como violentas.

Depressão, ansiedade, estresses, dores não-específicas, perda da auto-estima, problemas de relacionamento, abuso de drogas e até suicídio, são alguns dos efeitos do *bullying* que podem ser detectados nas vítimas.

Brasil - Incidência de agressão a professores e a alunos por capital e interior

Região	Agressões a professores		Agressões a alunos	
	Capital	Interior	Capital	Interior
Norte	20,1%	2,0%	51,7%	35,3%
Sul	4,1%	8,7%	51,0%	25,6%
Nordeste	7,0%	12,3%	35,8%	17,1%
Sudeste	14,8%	7,7%	35,7%	21,1%
Centro-Oeste	20,6%	16,2%	30,9%	29,9%

Figura 1. Índice de agressões. Fonte: BATISTA e DARIO EL-MOOR (2000, p. 153 *apud* LOPES, 2001, p.48).

Outro tipo de violência que vem aumentando no ambiente escolar é o *Cyber-bullying*, que trata de uma forma de intimidação sem que o agressor possa ser reconhecido imediatamente, por se tratar de uma violência no espaço virtual.

Segundo Beatriz Santomauro (2010, p.67), na internet e no celular, as mensagens com imagens e comentários depreciativos se alastram rapidamente tornando o *bullying* ainda mais perverso. Como o espaço virtual é ilimitado, o poder de agressão se amplia e a vítima se sente acuada mesmo fora da escola. Muitas vezes, essas vítimas não sabem de quem se defender.

De acordo ainda com Santomauro (2010), existem três motivos que tornam o *cyberbullying* ainda mais cruel que o *bullying* tradicional. No Brasil, o número desses casos de violência vem aumentando rapidamente.

No espaço virtual, os xingamentos e as provocações estão permanentemente atormentando as vítimas. Antes, o constrangimento ficava restrito aos momentos de convívio dentro da escola. Agora é o tempo todo. -Os jovens utilizam cada vez mais ferramentas de internet e de troca de mensagens via celular - e muitas vezes se expõem mais do que devem. -A tecnologia permite que, em alguns casos, seja muito difícil identificar os agressores, o que aumenta a sensação de impotência. (SANTOMAURO, 2010, p.68).

Além disso, de acordo com Cléo Fante, especialista em violência escolar, “muitos efeitos são semelhantes para quem ataca e é atacado: déficit de atenção falta de concentração e desmotivação para os estudos” (SANTOMAURO, 2010, p.69).

O *cyberbullying* é um problema que vem crescendo no Brasil, justamente porque os jovens usam cada vez mais as tecnologias para agredirem colegas, professores, entre outros, sem medo de serem descobertos. Uma pesquisa realizada pela Fundação Telefônica no estado de São Paulo em 2008, apontou que 68% dos adolescentes ficam on-line pelo menos uma hora por dia durante a semana.

Outro levantamento feito pela empresa de pesquisa de marketing (ComScorem, 2010), revelou que os jovens com mais de 15 anos acessam os blogs e as redes sociais 46,7 vezes ao mês (a média mundial é de 27 vezes por semana). Especialistas que tratam do tema explicam que esses estudantes não percebem as armadilhas dos relacionamentos digitais, e mesmo quando a agressão é virtual, o estrago se torna real, transformando os jovens vítimas desta violência, adultos ansiosos, depressivos ou violentos, reproduzindo em seus relacionamentos sociais aqueles vividos no ambiente escolar. Estes e outros fatores fazem com que escolas promovam debates e acompanhamento, evitando novas agressões no cotidiano escolar.

Segundo a especialista Cleo Fantes (2010, p.1) o problema do *cyberbullying*, já é constante nos colégios e vem se tornando ainda mais grave na internet. Cita um estudo feito recentemente pelo Centro de Empreendedorismo Social e Administração em Terceiro Setor (Ceats) e pela ONG Plan, onde cerca de 70% dos alunos brasileiros já viram alguns colegas

seu ser maltratado pelo menos uma vez na escola. E que só na região Sudeste, este índice chega a 81%, sendo que 28% dos alunos afirmam ter sofrido assédio. Sobre o *cyberbullying*, a SaferNet Brasil realizou um levantamento no Estado do Rio de Janeiro que mostrou que 30% dos adolescentes conhecem alguém que foi vítima.

1.3. Violência escolar

A cada dia que passa, a violência escolar está mais presente nas escolas de todo o mundo, sejam elas públicas ou privadas. A respeito desse assunto, Lopes (2001, p.10) argumenta:

A questão da violência na escola pode ser tomada como mais um componente do “mal estar” que atualmente toma conta da profissão docente e da educação escolar como um todo. Não se restringindo ao sistema escolar nacional, a violência no âmbito dessa instituição tem-se constituído nos últimos anos como um problema de amplitude global.

No artigo *A Instituição Escolar e a Violência*, Sposito (1998) comenta que em nosso país ainda são poucos os estudos feitos em relação à violência escolar, e de acordo com Cléo Fante, especialista em violência escolar, muitos efeitos são semelhantes para quem ataca e é atacado: déficit de atenção falta de concentração e desmotivação para os estudos.

Freire (1996) sugere um caminho para o educador refletir sobre as suas práticas pedagógicas, enfatizando dentre outras questões, a ética, a importância do prazer, do acreditar, da seriedade e da humildade. Ao pensar na formação e na prática deste profissional, afirma que “não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. São duas realidades que se encontram uma no corpo do outra”, ou seja, o professor tem de ser um eterno pesquisador e indagador. (FREIRE, 1996, p.32).

A violência escolar, segundo Furlong & Morisson (2000 *apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p.48), pode ocorrer dentro do espaço físico da escola, no trajeto casa para a escola, em locais em que se programem passeios e/ou festas escolares, e mesmo, na própria residência e bairro do aluno, como em situações nas quais conflitos mal resolvidos dentro da instituição geram violência em outros espaços.

A temática da violência escolar tornou-se um importante objeto de reflexão das autoridades nos últimos anos, amplamente divulgado pelos meios de comunicações (noticiários de TV, rádios, jornais, etc.), com destaque nestes meios para as agressões físicas ou verbais, ou até casos extremos com morte, ocorridos nos arredores e dentro das escolas. O crescimento da repercussão pode ser um indício de que a sociedade, em geral, está mais

preocupada com os problemas da violência no ambiente escolar. Para Abramovay e Rua (2002), além de constituir um importante objeto de reflexão, a temática da violência escolar tornou-se, antes de tudo, um grave problema social.

O sociólogo Augusto Caccia – Bava, afirma que, se a “violência estoura na porta das escolas, é porque o ensino continua alienado a realidade dos adolescentes”. Fato que é constatado diariamente na maioria das escolas, onde em alguns casos, se percebe uma verdadeira guerra urbana nas ruas, cuja violência não é abordada, nem tão pouco discutida em sala de aula. (BAVA, 2006 *apud* SILVA, 2008, p.23).

Conforme Lopes (2001) pode-se afirmar, portanto, que durante muito tempo, quando identificada, a violência no interior da escola era analisada basicamente como a violência da escola, sendo esta exercida basicamente pelo professor e demais representantes da instituição sobre os alunos. Hoje em dia com pesquisas e estudos na área, se constatou que existem inúmeros fatores para se classificar a violência escolar.

Entre as numerosas causas e consequências desses tipos de violências, pode-se classificar segundo Stelko-Pereira A.C., & Williams, L. C. A (2010) os fatores que envolvem cada uma, tanto no que se refere à violência simbólica quanto à violência explícita, pois elas constituem uns dos vários problemas que levam a violência escolar.

Desse modo, cantineiras, porteiros, faxineiras, inspetores, diretores, recepcionistas, voluntários da escola, pais ou responsáveis pelos alunos, podem cometer, sofrer ou testemunhar atos de violência a outros do contexto escolar. E não devem ser esquecidos em pesquisas, intervenções e programas preventivos. Sendo assim, não podemos ignorar qualquer tipo de ato duvidoso, que pode se tornar, com o passar dos tempos, sinônimo de violência, seja verbal ou física.

É necessário que o professor e a comunidade escolar de uma forma geral, não abdicuem das questões disciplinares de seus membros, e que não deixem de promover o debate e a reflexão acerca da violência ou violências que nos espreitam cotidianamente. (FREIRE, 2000 *apud* LOPES, 2001, p.130).

Podemos observar a seguir um quadro *Conceitos de Violência* que exemplifica cada um dos tipos de violências que são praticados no dia a dia no interior e exterior das escolas de todo o Mundo.

Conceito de Violência Escolar

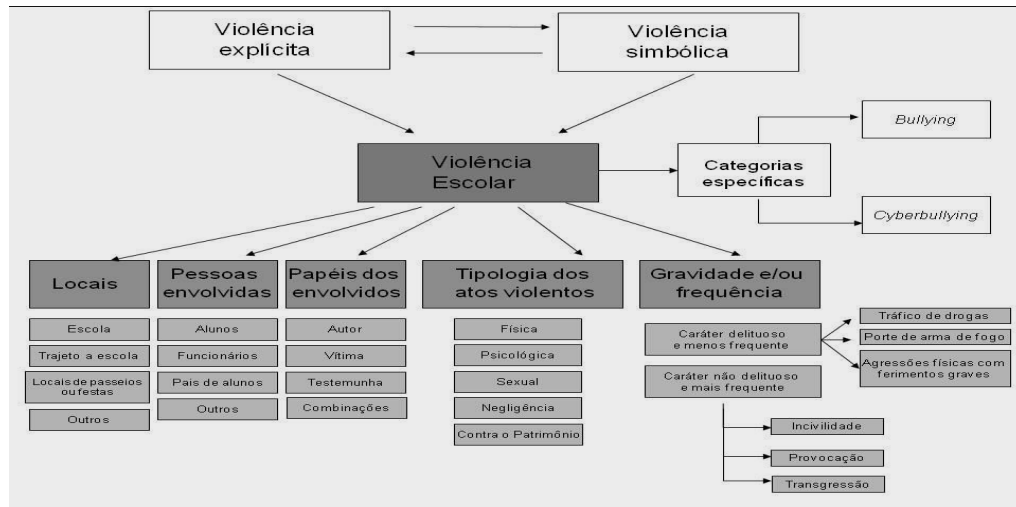


Figura 2 – Esquema sobre o conceito de violência escolar. (PEREIRA & WILLIAMS, 2010, p.49).

A violência simbólica que ocorre na escola refere-se mais à dinâmica diária de ensino do que propriamente a atos específicos em um determinado local. Um acréscimo a essa definição diz respeito a quem são os autores envolvidos neste tipo de violência escolar. Alunos e professores são as pessoas mais lembradas quando se fala nesse tema, contudo, qualquer indivíduo que trabalhe na instituição escolar ou que esteja envolvido nela pode ser inserido neste conceito. Isso é importante porque a violência pode ocorrer em qualquer relação interpessoal, ainda que costume ocorrer com maior frequência quando há desigualdade de condições de poder entre os indivíduos (WILLIAMS, 2003 *apud* STELKO-PEREIRA e WILLIAMS, 2010, p.49).

É importante entendermos que a violência é apenas a conduta mais visível de recusa ao conjunto de valores transmitidos pelo mundo adulto, representados simbólica e materialmente na instituição escolar, que não mais respondem ao seu universo de necessidades (SPOSITO, 1998, p.16). Estudos que tentam investigar os fenômenos das violências sociais, incluindo o Brasil, constroem um quadro determinado por condições históricas e sociais para explicarem esses aparecimentos de violências nas escolas. Mais isso não significa necessariamente que a pobreza é a única responsável pela violência social, muito outros fatores contribuem para esses atos violentos. Se fossem assim não existiriam casos de violências dentro das instituições privadas, onde o poder aquisitivo é maior.

Gomes da Costa (2000 *apud* SILVA, 2008, p 25.) “assinala que a violência está relacionada à falta de uma política para a juventude”, e observa-se que a violência escolar é decorrente de vários problemas sociais, sendo necessária a utilização de várias frentes de

trabalhos para o combate a essa lamentável situação. O *bullying* e do *cyberbullying* podem ser evitados, e as escolas devem investir em prevenção, estimulando a discussão aberta com todos os membros da comunidade escolar, incluindo pais e alunos.

Cléo Fante e José Augusto Pedra, autores do livro *Bullying escolar* (2008), dão algumas recomendações para os professores, que têm um papel importante na prevenção:

- Observar com atenção o comportamento dos alunos, dentro e fora de sala de aula, e perceber se há quedas bruscas individuais no rendimento escolar;
- Incentivar a solidariedade, o respeito às diferenças; através de conversas e trabalhos didáticos;
- Desenvolver dentro de sala de aula um ambiente favorável à comunicação entre os alunos;
- Quando um estudante reclamar ou denunciar o bullying, procurar imediatamente a direção da escola. A responsabilidade é sim da escola, mas a solução deve ser em conjunto com os pais dos alunos envolvidos.

Muitas vezes, as instituições tratam de forma inadequada os casos relatados por essas vítimas, que estão de algum modo, sofrendo algum tipo de perseguição, seja física ou não. Segundo Claudivan Sanches Lopes (2001), a escola reproduz as desigualdades sociais, através de mecanismos que inculcam o ideário cultural da classe dominante, legitimando-o. A inculcação não acontece por intermédio da ação coercitiva dos aparelhos ideológicos ou repressivos de Estado, mas, sutilmente, pelo exercício do que os autores chamam de violência simbólica. Para esses autores, “toda ação pedagógica é objetivamente uma violência simbólica enquanto imposição, por um poder arbitrário, de um arbitrário cultural” (BOURDIEU e PASSERON, 1975, p. 20 *apud* LOPES, 2001, p.42).

A atividade Pedagógica escolar reproduz a cultura dominante, contribuindo desse modo para reproduzir a estrutura das relações de força, numa formação social onde o sistema de ensino dominante tende a assegurar-se do monopólio da violência legítima (BOURDIEU e PASSERON, 1975, p. 21 *apud* LOPES, 2001, p.42).

Lopes (2001) comenta que a relação professor-aluno se caracteriza por possuir um caráter eminentemente pedagógico. Ou seja, diferentemente de outras relações tais como, pai-filho, marido, esposa, etc., a interação entre o professor e os alunos adquire especificidade

porque são mediados por um determinado conteúdo, “conjunto de conhecimentos, hábitos e habilidades”, que são transmitidos pelo professor ao aluno. (p.49)

Da mesma forma que professores devem estar preparados para abordar o tema, os pais precisam estar sempre alertas para o problema, seja o filho vítima ou agressor, pois ambos precisam de ajuda e apoio psicológico. Segundo Cléo Fante e José Augusto Pedra, os pais podem ajudar, e para isso, eles sugerem:

- Mostre-se sempre aberto a ouvir e a conversar com seus filhos;
- Fique atento às mudanças de comportamento dos seus filhos, seja em casa ou na escola;
- É importante que as crianças e os jovens se sintam confiantes e seguros de que podem trazer esse tipo de denúncia para o ambiente familiar, para que possam ser tomadas as devidas providências;
- Comentar o que é o *bullying* e orientar seus filhos que esse tipo de situação não é normal. Ensinando-os como identificar os casos de violências, e procurarem ajuda dos professores. E entrar imediatamente em contato com a direção da escola, para que ela procure profissional ou instituições especializadas.

Segundo uma reportagem do jornal *Notícia/Educação*, do dia 03/08/10, o Ministério da Educação ainda não desenvolveu nenhum programa de combate ao *Bullying*, mas alguns estados e municípios já aprovaram suas leis para tratarem desse problema. É o que ocorreu, por exemplo, no Rio Grande do Sul, no Mato Grosso do Sul e nos municípios de São Paulo e Recife.

Conforme notícia do *jornal da Câmara* do dia (18/08/10), no Mato Grosso do Sul, devido ao grande número de casos registrados sobre esses tipos de violência, criou-se o programa de inclusão de medidas de conscientização, prevenção e combate ao *Bullying* Escolar. No projeto pedagógico elaborado pelas Instituições da rede estadual de ensino, e proposta similar a essa que também foi implementada nas redes municipais de ensino da capital, Campo Grande. Nos noticiários ouvimos muitos casos onde as vítimas passam a ser os próprios agressores.

Nas Escolas dos EUA foi adotado o sistema web para as denúncias de *bullying*, devido aos crescentes números de mortes por parte desse tipo de violência, que levam as vítimas a se

vingar de todos que estão a sua volta. Temos relatos de alunos que utilizam de armas de fogo potentes, como metralhadoras, atiram em seus colegas, professores e depois se matam, em alguns casos ficaram provados que estes alunos já não suportavam mais sofrerem esses tipos de abusos.

Conforme o jornal de *Olho na Notícia* do dia 01/09/10, tramita na Câmara o projeto de lei 7457/10, da deputada Sueli Vidigal (PDT-ES), que prevê a adoção de política *antibullying* por escolas de educação infantil, públicas ou privadas. Essa política *antibullying* terá, de acordo com a proposta, o objetivo de disseminar o conhecimento sobre essa prática nos meios de comunicação e nas instituições de ensino, capacitando professores e equipe pedagógica para o diagnóstico desse problema.

Acreditamos que se existe uma cultura de violência, que se dissemina entre as pessoas, podemos disseminar uma contracultura de paz. Se conseguirmos plantar nos corações das crianças as sementes da paz – solidariedade, tolerância, respeito ao outro e o amor -, poderemos vislumbrar uma sociedade mais equilibrada, justa e pacífica. Construir um mundo de paz é possível, para isso, deve-se primeiramente construí-lo dentro de cada um de nós (FANTE, 2008).

A urgência de intervenção nesta realidade é justificada pela instabilidade que o *bullying* provoca no contexto escolar e porque muitos dos adolescentes *bullies* tornam-se adultos perversos, *moobies*, que continuam a agredir os pares ou os seus subordinados. Segundo uma pesquisa realizada pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e a Adolescência (ABRAPIA), em 2002 admite-se que os que praticam o *Bullying* têm grande probabilidade de se tornarem adultos com comportamentos anti-sociais e/ou violentos, podendo vir a adotar, inclusive, atitudes delinquentes ou criminosas.

1.4. A Reforma curricular de 1998 e as novas possibilidades de abordagens sobre valores morais e a violência

A ideologia tem sido um conceito central na análise da escolarização, e em particular nas dos currículos. Louis Althusser (1983 *apud* MOREIRA, 2006), argumentava que a educação constituiria num dos principais dispositivos para que a classe dominante transmitisse suas ideias sobre o mundo social, garantindo sua reprodução de estrutura social existente. Acreditava que determinada ideologia seria diferentemente transmitida nas escolas,

às crianças de diferentes classes sociais, numa visão de mundo apropriada aos que estavam destinados a dominar, diferente da ideologia aplicada aos que iriam ser subordinados.

Em uma sociedade dividida, a cultura é o terreno pela qual existe uma luta pela manutenção ou superação das divisões sociais, e onde o currículo educacional é visto como um local de transmissão de uma cultura incontestada e unitária. O currículo é, assim, um terreno de produção e de política cultural, pelos quais os materiais existentes funcionam como matéria-prima de criação e recriação. E nessa visão crítica, o poder se manifesta através das linhas divisórias que separam os diferentes grupos sociais em termos de classe, etnia, gênero, etc.

Segundo a história da Teoria Crítica e da Sociologia do Currículo, o conhecimento corporificado como currículo educacional, não pode ser mais analisado fora de sua constituição social e histórica, conforme Antonio Flavio Barbosa Moreira (2006, p.20). Nessa teoria, podem-se observar três eixos de mapeamento das questões dos currículos: ideologia, cultura e poder.

Neste sentido, a produção do currículo sempre foi uma tarefa importante, e novas questões como *disciplinaridade* e *interdisciplinaridade no* Ensino da Língua Portuguesa (tanto no Ensino Fundamental quanto do Ensino Médio em nosso país) foram estabelecidas pela Lei de diretrizes e bases da educação nacional, a LDBEN nº. 9394/1996:

Art. 26. Os currículos do ensino fundamental e médio devem ter uma base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e da clientela. § 1º Os currículos a que se refere o *caput.* devem abranger, obrigatoriamente, o estudo da língua portuguesa e da matemática, o conhecimento do mundo físico e natural e da realidade social e política, especialmente do Brasil. (BRASIL, 1996, p.09).

A regulamentação da nova LDBEN brasileira deu-se em 1998, por meio das Diretrizes do Conselho Nacional de Educação e dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNs, buscando atender a uma necessidade de atualização da educação brasileira. Conforme a LDBEN nº. 9394/1996, a respeito dos currículos para o ensino fundamental em seu artigo 32:

§ 5º O currículo do ensino fundamental incluirá, obrigatoriamente, conteúdo que trate dos direitos das crianças e dos adolescentes, tendo como diretriz a Lei no 8.069, de 13 de julho de 1990, que institui o Estatuto da Criança e do Adolescente, observada a produção e distribuição de material didático adequado. (Incluído pela Lei nº. 11.525, de 2007). (BRASIL, 1996, p.12).

Segundo Célia Maria M. B. da Silva (2011, p.768), ao abordarem os currículos, os PCNs devem contemplar conteúdos e estratégias de aprendizagem que preparem o sujeito para a efetivação de atividades “nos três domínios da ação humana: a vida em sociedade, a atividade produtiva e a experiência subjetiva”, pelo fato de serem ferramenta da cidadania democrática.

Ao contemplarmos alguns documentos que tratam sobre as políticas curriculares para a educação, como a LDBEN/1996 (BRASIL, 2006), os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio – PCNEM (BRASIL, 1999) e a nova orientação aos planejamentos curriculares: Orientações Curriculares para o Ensino Médio (OCEMS, BRASIL, 2006), pudemos verificar que esses documentos propõem um trabalho didático-pedagógico voltado para o desenvolvimento de competências e habilidades, objetivando desenvolver o potencial crítico do aluno e, dessa forma, o seu entendimento de mundo, por intermédio do uso adequado da língua e da linguagem.

Os Parâmetros curriculares para o ensino fundamental, nos objetivos gerais para o estudo da Língua Portuguesa do ensino fundamental, enfatizam que para a concretização dessa expectativa se concretize, o ensino deverá organizar-se de modo que os alunos sejam capazes de:

- expandir o uso da linguagem em instâncias privadas e utilizá-la com eficácia em instâncias públicas, sabendo assumir a palavra e produzir textos — tanto orais como escritos — coerentes, coesos, adequados a seus destinatários, aos objetivos a que se propõem e aos assuntos tratados; [...]
- valer-se da linguagem para melhorar a qualidade de suas relações pessoais, sendo capazes de expressar seus sentimentos, experiências, idéias e opiniões, bem como de acolher, interpretar e considerar os dos outros, contrapondo-os quando necessário;
- usar os conhecimentos adquiridos por meio da prática de reflexão sobre a língua para expandirem as possibilidades de uso da linguagem e a capacidade de análise crítica;
- conhecer e analisar criticamente os usos da língua como veículo de valores e preconceitos de classe, credo, gênero ou etnia. (BRASIL, 1998, p. 33).

O currículo escolar proposto nas políticas descritas acima, pode se efetivar de várias formas, e uma delas é através da adoção de um livro didático. Anna Maria G. Carmagnani (*apud* CORACINI, 1999) relata que no Brasil a história do Livro Didático (LD) passou por inúmeras fases, descritas por vários autores, dentre o qual se destaca o trabalho de Freitag.

O LD não possui uma história própria no Brasil, pois as mudanças que ocorreram não foram geradas por grupos ligados ao ensino diretamente, sendo resultados de decretos, leis e medidas não governamentais. Vale ressaltar que muitos dos livros eram traduzidos para o português, e os que eram produzidos no Brasil, sofriam controle muito rígido nos conteúdos

apresentados. A partir da iniciativa do governo federal em 1997, foi criado um Programa Nacional do Livro Didático (PNLD), com objetivo de avaliar e classificar os livros didáticos utilizados no ensino fundamental, junto ao Ministério da Educação e do Desporto (MEC):

[...] é fundamental melhorar a qualidade do livro didático no Brasil. Um passo está sendo dado nesse sentido ao produzir-se um catálogo com os títulos recomendados, a partir de suas análises por especialistas de área, com experiência docente, apoiados em critérios cuidadosamente elaborados. (MEC, *apud* SOUZA, 1999, p.58).

A Secretaria de Educação Fundamental do MEC justifica a necessidade da avaliação do LD. Devido ao fato dele ser um instrumento auxiliar de trabalho ou até mesmo o único referencial do docente em sala de aula, já que em inúmeros casos tem-se a ausência de outros materiais que orientem tanto o planejamento dos professores quanto as pesquisas e estudos dos alunos. Isso acaba comprometendo o processo ensino - aprendizagem, empobrecendo-o, transformando o livro no único e exclusivo meio de ensino. Segundo José Carlos Libâneo (2008), os meios de ensino:

São todos os recursos materiais utilizados pelo professor ou alunos para organizar e conduzir o ensino e a aprendizagem. Os equipamentos usados em sala de aula (do quadro-negro até o computador) são meios de ensino gerais possíveis de serem usados em todas as matérias. É importante que os professores saibam e dominem estes equipamentos para poderem usá-los em sala de aula com eficácia. (LIBÂNEO, 2008).

O Programa Nacional do Livro Didático expressa o desejo em “reverter esse quadro”, contribuindo para o aperfeiçoamento do livro didático, fazendo com que ele não seja à única fonte de trabalho do docente e sim, passe a ser um auxiliar nas suas práticas pedagógicas. Como critério eliminatório definiu-se que os livros didáticos “não poderiam expressar preconceitos de origem, raça, sexo, cor, idade ou quaisquer outras formas de discriminação; não poderia induzir ao erro ou conter erros graves relativos ao conteúdo da área, como, por exemplo, erros conceituais” (CORACINI, 1999).

Tanto o currículo quanto os livros didáticos, caso sejam mal utilizados, tornam-se uma arma de caráter ideológico, daí a necessidade de programas educacionais de fator político para a adaptação dos mesmos na realidade social brasileira.

Conforme Moacir Gadotti:

A diversidade cultural é a riqueza da humanidade. Para cumprir sua tarefa humanista, a escola precisa mostrar aos alunos que existem outras culturas além da

sua. Por isso, a escola tem que ser o local, como ponto de partida, mas tem que ser internacional e intercultural, como ponto de chegada. [...] Escola autônoma significa escola curiosa, ousada, buscando dialogar com todas as culturas e concepções de mundo. Pluralismo não significa ecletismo, um conjunto amorfo de retalhos culturais. Significa, sobretudo, diálogo com todas as culturas, a partir de uma cultura que se abre às demais (GADOTTI, 1992, p. 23).

A produção de material didático é muito importante numa época em que o ensino de Língua Portuguesa passou por transformações e que o ensino de Gramática parece ter sido colocado em segundo plano.

Reiteramos que o livro didático não pode ser a única ferramenta do professor no ensino/aprendizagem, mas sim um recurso didático incorporado a outros (jornal, vídeo, internet, músicas, etc.), que venha atender as necessidades dos alunos.

Ao entrarem na escola, os alunos já dispõem de competência discursiva e linguística para se comunicar em interações que envolvem relações sociais de seu dia-a-dia, inclusive na sua vida escolar. Para boa parte das crianças e dos adolescentes brasileiros, a escola é o único lugar que pode proporcionar acesso a textos escritos e orais, que servirão de modelos para a produção de seus próprios textos.

A importância da leitura está presente nas séries iniciais, ou seja, na alfabetização, e este processo precisa ser bem encaminhado pelo educador. A aquisição da capacidade de leitura e da escrita é um processo longo e contínuo do desenvolvimento pessoal, que se processa lentamente, conforme diferentes fatores como o ambiente, os estímulos, as necessidades e interesses dos alunos.

De acordo com os PCNs (1998), espera-se com a prática de leitura e produção de textos: “formar escritores competentes capazes de produzir textos coerentes, coesos e eficazes” (p.47).

Se o objetivo é formar cidadãos capazes de utilizar a escrita com eficácia, que tenham condições de assumir a palavra — também por escrito — para produzir textos adequados, é preciso organizar o trabalho educativo para que experimentem e aprendam isso na escola. É necessário, portanto, ensinar os alunos a lidar tanto com a escrita da linguagem — os aspectos notacionais relacionados ao sistema alfabético e às restrições ortográficas — como com a linguagem escrita — os aspectos discursivos relacionados à linguagem que se usa para escrever. (BRASIL, 1998, p.48).

E para isso, é necessário que o profissional propicie para os alunos um sentido para a leitura, e que ela seja bem vinda na sala de aula e na vida deles também; é preciso ter capacidade de criar estratégias eficientes na aprendizagem da leitura e na produção de textos.

CAPÍTULO II

REFLETINDO SOBRE OS VALORES MORAIS E A VIOLÊNCIA ESCOLAR NAS AULAS DE LÍNGUA PORTUGUESA

2.1. Concepções de língua e linguagem

A prática diária da leitura e da escrita, em atividades mediadas pelo professor, é fundamental, quando se considera a linguagem como forma de interação social. Na década de 1970, a linguagem deixou de ser entendida apenas como a expressão do pensamento, para ser vista também como um instrumento de comunicação, envolvendo um interlocutor e uma mensagem. Todos os gêneros passaram a ser vistos como importantes instrumentos de transmissão de mensagens: o aluno precisaria aprender as características de cada um deles para reproduzi-los na escrita e também para identificá-los nos textos lidos. Porém ainda, era essencial seguir um padrão preestabelecido, e qualquer anormalidade seria motivo de ruído e desarmonia.

As correntes acadêmicas avançaram em pouco tempo, a exemplo de Mikhail Bakhtin (1895-1975), que apresentou uma nova concepção de linguagem, denominada *enunciativo-discursiva*, considerando o discurso uma prática social e uma forma de interação; tese que vigora até hoje. A relação interpessoal, o contexto de produção dos textos, as diferentes situações de comunicação, os gêneros, a interpretação e a intenção de quem os produzem passaram a ser peças-chave.

Essas ideias ganharam suporte das pesquisas que têm em comum às concepções de aprendizagem socioconstrutivistas, que consideravam o conhecimento como sendo elaborado pelo sujeito, e não só transmitido pelo mestre. Entre os seus principais pensadores estão o suíço Jean Piaget (1896-1980), pai da teoria construtivista e o russo Lev Vygotsky (1896-1934), que mostrou a importância da interação social e das trocas de saberes entre as crianças.

Eduardo Marculino (2010) comenta que nos anos de 1980, Ana Teberosky e Emilia Ferreiro, autoras do livro *Psicogênese da Língua Escrita*, apresentaram resultados de suas pesquisas sobre a alfabetização, mostrando que o aluno constrói hipóteses sobre a escrita e também aprende ao reorganizar os dados que têm em sua mente. Em seguida, as pesquisas de didática da leitura e escrita produziram conhecimentos sobre o ensino e a aprendizagem desses conteúdos.

Segundo Ingedore Grunfeld Villaça Koch (2003), a linguagem como ação, deriva de dois grandes pólos: a Teoria da enunciação e a teoria dos atos da fala. Na primeira teoria têm se comprovado que não basta os linguistas preocuparem-se com as questões de descrever os enunciados produzidos pelos falantes, sem levarem em conta a *enunciação*. É essa que vai determinar a que título àquilo que se diz é dito. A autora nos dá um exemplo de um enunciado “*O dia está bonito*”, que em diversas situações podem apresentar sentidos bastante diferentes: pode se tratar de uma asserção; pergunta; demonstração de surpresa; sugestão ou um convite para um passeio até mesmo um aviso de ameaça.

Ainda conforme Koch (2003), todo ato de fala realiza uma ação, pode-se dizer que os performativos explícitos são apenas fórmulas para realizar algumas ações que se faz presente em qualquer uso da língua, seja na fala direta ou indireta.

O ato da fala direta são formas de linguagem especializada para um determinado fim: existe uma entonação típica para pergunta, usa-se o imperativo para dar ordens; com expressões como: por favor, por gentileza, etc. para fazer um pedido ou uma solicitação. No ato da fala indireta realizam através de recursos de formas típicas de outro tipo de ato, que vai depender do nosso conhecimento do mundo, experiências sociais, que vão nos permitir perceber a verdadeira força ilocucionária. Para que os objetivos do locutor sejam alcançados, é necessário que o interlocutor capte a sua mensagem; caso contrário, o ato não será transmitido.

O ato de comunicação verbal, oral ou escrito se caracteriza por envolverem cooperação relativa entre locutor e interlocutor; transmissão adequada de intenções e conteúdos. Para que se tenha êxito nesse processo comunicativo, o interlocutor precisa ter conhecimento linguístico e extralinguístico para entender o objetivo de seu locutor.

É preciso encarar a linguagem não apenas como representação do mundo, do pensamento, do instrumento de comunicação, mas sim, como forma de interação social, pois é através da língua que o ser humano é capaz de interagir socialmente em diversas formas com diferentes resultados. Tudo isso dependerá do lugar, estado em que se encontra o locutor e o interlocutor, e dos conhecimentos comuns e de mundo que cada um possui, para se fazer entender.

Para desenvolver a capacidade comunicativa da escrita dos alunos nas produções textuais, e é importante que os professores de Língua Portuguesa auxiliem seus educandos no emprego da língua materna nas diversas situações comunicação escrita. E com isso fazer com que seus alunos reflitam sobre a temática da violência em suas produções textuais. Pois, o que

se espera é que os alunos sejam capazes de reproduzir seus próprios textos sobre os temas abordados, demonstrando seus pensamentos críticos e não apenas copiar o que já existe.

2.2. Aportes dos Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental de língua portuguesa

Os Parâmetros curriculares nacionais para o ensino fundamental de língua portuguesa têm por objetivos parametrizar o ensino em nível nacional, com postulação básica no ensino centrado no texto, quer em termos de leitura, quer em termos de produção, e como condições necessárias para a plena participação social e o domínio da linguagem com atividade discursiva e cognitiva.

Ao professor cabe planejar e dirigir as atividades didáticas, com o objetivo de desencadear, apoiar e orientar o esforço de ação e reflexão do aluno, procurando garantir aprendizagem efetiva. “Toda educação comprometida com o exercício da cidadania precisa criar condições para que o aluno possa desenvolver sua competência discursiva”. (PCNS, p.23).

Para os PCNs (1998), o papel fundamental da educação amplia-se ainda mais no despertar do novo milênio, apontando para a necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos. A nova era é marcada pela competição e pela excelência, em que progressos científicos e avanços tecnológicos definem exigências novas para os jovens que ingressarão no mundo do trabalho. Por isso, após sua criação, tornou-se urgente uma revisão dos currículos que orientem o trabalho dos professores e de estudiosos envolvidos com a educação do país.

Conforme os PCNs (1998), o domínio da linguagem, como atividade comunicativa e reflexiva, e o domínio da língua como sistema simbólico de uma comunidade, são veículos para uma efetiva participação social. É pela linguagem que as pessoas expressam suas ideias, pensamentos e intenções. E pelo que propõe este referencial curricular, a escola precisa “utilizar a linguagem para estruturar a experiência e explicar a realidade, operando sobre as representações construtivas em várias áreas do conhecimento” (BRASIL, 1998, p.32).

A respeito da linguagem, os PCNs (1998) dizem que:

A linguagem verbal, oral e escrita, representada pela língua materna, ocupa na área o papel de viabilizar a compreensão e o encontro dos discursos utilizados em diferentes esferas da vida social. É com e pela língua que as formas sociais

arbitrárias de visão e divisão de mundo são incorporadas e utilizadas como instrumentos de conhecimento e comunicação. Aprende-se, com a língua, um ‘sentido imediato de mundo’, que deve ser desvendado, no decorrer de um processo de resgate desse e de outros sentidos possíveis. (BRASIL, 1998, p. 131).

O referido PCNs considera como atividades discursivas a interação pela linguagem, sendo que, quando o discurso é produzido, manifesta-se linguisticamente, por meio de textos, este que é “um todo significativo, independente de sua extensão, uma sequência verbal constituída por um conjunto de relações que se estabelecem a partir da coesão e da coerência”. (PCNS, 1998, p.21).

Os PCNs configuram-se como síntese do que foi possível aprender e avançar nessa década; o domínio da linguagem, como atividade discursiva e cognitiva, e o domínio da língua, como sistema simbólico utilizado por uma comunidade linguística, são condições de possibilidade de plena participação social.

Por fim, os PCNs enfocam um ensino de Língua Portuguesa centrados na diversidade dos gêneros, que leve o educando a uma reflexão crítica tanto da linguagem quando das situações, em que se realizam.

2.3. Análises do Livro Didático

Apesar de grande número de casos de violência escolar, as maiorias dos livros didáticos adotados, não trazem suportes adequados para que este tema seja abordado. O livro didático (LD) pode ser um material do qual o professor de língua portuguesa faz reflexões e exercita habilidades com seus alunos, dentro de uma ordem de conteúdos preestabelecidos.

Quanto à escolha do material pedagógico, o docente deve levar em consideração os conceitos curriculares, disciplina, linguagem, língua, leitura, compreensão dos textos, e se o livro oferece sugestões para a exploração pedagógica de cada tópico, para que os alunos possam refletir sobre os variados temas de cidadania e ética.

Libâneo (2008) afirma que, ao selecionar os conteúdos das séries que irá trabalhar, o professor precisa antes analisar os textos, verificando como são enfocados os assuntos, para enriquecê-los com suas próprias contribuições e de seus alunos. E continua afirmando que:

Seria desejável que os professores se habituassem a fazer um estudo crítico dos livros didáticos para analisar como são tratados temas como trabalho, a vida na cidade e no campo, o negro, a mulher, a natureza, a família, e outros. (LIBÂNEO, 2008, P. 140).

Em função da reflexão desta pesquisa voltar-se a temática da violência escolar, analisou-se um livro didático que aborda o assunto bullying, adotado na escola municipal Chaquib Kadri, situada no município de Jardim, MS. O Livro Didático selecionado é *Português e Linguagens*, do 7º ano do Ensino Fundamental, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, em sua 5ª edição reformulada, publicado pela editora Atual, no ano de 2009. A obra apresenta uma boa organização e possui uma grande diversidade textual, incluindo obras de arte, quadrinhos, poemas, reportagens de jornal e propagandas.

O capítulo escolhido foi o terceiro, por abordar a temática de um tipo de violência escolar, que é o *bullying*. Este capítulo inicia com tema de reflexão intitulado *Bulying: o exercício da intimidação*, depoimento colhido pela pesquisadora Cleo Fantes. (In: Cleo Fantes, op.cit.,p.35-7). Conforme pudemos observar, o LD cita uma pesquisadora pioneira sobre o *bullying escolar* no Brasil e autora do programa *antibullying* "Educar para a Paz".

Na página seguinte pode-se observar um artigo *Bullying. Não tem a menor graça!*, extraído da revista digital *Atrevida*, que aborda o significado da palavra *bullying*, as diferentes práticas dessa violência por meninos e meninas, e o fato dos alunos contarem ou não aos pais que estão sofrendo este tipo de intimidação.

Dando continuidade ao tema, na página seguinte são apresentas duas reportagens do jornal *Folha de São Paulo*, dos anos de 2005 e 2006, para que os alunos realizem análise, compreensão e interpretação dos mesmos. As estruturas desses exercícios fazem com que os alunos reflitam sobre a violência escolar ao responderem as questões. Na página 155, um exemplo retirado do LD faz o seguinte questionamento: "Por que a Internet é uma ferramenta que auxilia o praticante de *bullying*?"

Quando bem utilizado, o livro didático tem um papel fundamental no processo ensino-aprendizagem, e torna-se uma ferramenta útil e eficaz no cotidiano escolar, cabendo ao professor usá-lo como auxílio em sala de aula, não se condicionando totalmente ao seu conteúdo. E nada impede que o docente utilize outros suportes didáticos em sua prática pedagógica, sempre guiada por pressupostos típicos de um consistente planejamento educacional, onde sejam previstos os objetivos a serem alcançados com o ensino de cada conteúdo correspondente, sempre contando com uma metodologia apropriada a estes conteúdos e objetivos propostos.

De acordo com Nilson José Machado (1996), para um livro didático desempenhar sua principal função, como instrumento auxiliar do processo ensino-aprendizagem, é necessário que ele satisfaça minimamente algumas condições desejáveis como:

- 1) as atividades e exercícios abordados no livro didático precisam ter significado para o aluno, ou seja, precisam levar em conta o contexto social para o qual os alunos estão sendo preparados na escola e seu estágio de desenvolvimento cognitivo;
- 2) o livro deve apresentar níveis de rigor e precisão apropriados à série a que se destina;
- 3) as narrativas contidas no livro didático devem ser claras e compreensíveis, colocadas numa linguagem interessante que estimule o pensamento do aluno.
- 4) o livro didático deve estar adequado à proposta pedagógica da escola e ao seu plano de ensino, deve conter, também, conteúdos que criem interesse e motive a aprendizagem dos alunos, incluindo material que torne possível atender às necessidades de diferentes níveis de habilidades, oferecendo oportunidades para o próprio aluno construir e compreender conceitos;
- 5) o livro didático precisa ter o conteúdo e a terminologia justificados, de tal forma que o aluno compreenda e perceba como o conteúdo apresentado no livro, se relaciona com seu dia-a-dia. (MACHADO 1996, p. 38 *apud* GUEDES, 2007, p.19-20).

Ainda, segundo o autor, o livro pode incluir problemas desafiadores, enigmas, quebra-cabeças e jogos que estimulem a curiosidade e a criatividade do aluno, incluindo situações e questões da atualidade, garantindo a participação ativa do aluno na construção do conhecimento. (GUEDES, 2007, p.20).

O livro analisado *Português e Linguagens* contém esses tópicos que o autor pontua acima, já que traz sugestões para o professor trabalhar com debates, projetos para a conscientização de temas polêmicos como, por exemplo, o *bullying*, entre outras atividades, o que com que os alunos sejam críticos e reflitam sobre os assuntos do seu dia a dia.

O LD trabalha com uma linguagem de fácil compreensão e entendimento sobre os assuntos abordados, incorporando a gramática e as atividades, de forma dinâmica, não cansativa, evitando atividades repetitivas onde os alunos fiquem subordinados a responder perguntas e respostas mecanicamente.

Enfim, o LD *Português e Linguagens* é um instrumento pedagógico de ensino que pode ser utilizados por outros professores, quando forem discutir com seus alunos os problemas causados pela violência escolar, especialmente o *bullying*, no ambiente escolar. O importante é que o professor não use somente o livro didático como única ferramenta pedagógica, mas crie outras, capazes de auxiliar na sua prática docente emancipadora e refletida.

2.4. Sugestões didático-metodológicas para o Ensino Fundamental – 6º, 7º, 8º e 9º anos.

De acordo com Paulo Freire (1996), o bom professor deve ser curioso e deve provocar curiosidade, e esta curiosidade deve ser incentivada para que mantenha viva a chama do querer saber, do querer entender. Se esta troca não ocorrer, com o tempo, o professor se verá diante de uma situação quase estática, que impedem o exercício livre do pensar. A educação deve também servir de meio para transformações sociais, mas deve-se ter consciência da sua indevida utilização como meio de reprodução de ideologias dominantes.

Em suas considerações quanto aos conteúdos de ensino, Libâneo (2008, p.155) diz que estes “devem estar em correspondência com os conhecimentos científicos atuais e com os métodos de investigação próprios de cada matéria”. E que ao elaborarem os planos de aulas, os professores deverão selecionar temas de estudos que representem conhecimentos e habilidades, que possam proporcionar aos seus alunos um desenvolvimento intelectual e crítico.

Libâneo (2008) orienta que, quanto os professores forem aplicar os métodos ativos de ensino, devem ter clareza de que são só válidas as atividades mentais que estimulem seus alunos, sempre conscientes em ajudar seus alunos à “aprender pensando naquilo que faz”. (p.158). Ele define os métodos de ensino como estando intimamente ligados com os métodos de aprendizagem, e sob este ponto de vista, o eixo do processo é a relação cognoscitiva entre o aluno e professor. O autor lista alguns métodos de atividade em sala de aula por parte do professor:

- Método de exposição pelo professor - Este método é o mais usado na escola, onde o aluno assume uma posição passiva perante a matéria explanada. Ele pode ser de vários tipos de exposição: verbal, demonstração, ilustração, exemplificação.
- Método de trabalho independente – consiste em tarefas dirigidas e orientadas pelo professor para os alunos resolverem de maneira independente e criativa. Este método tem, na atitude mental do aluno, seu ponto forte. Tem também a possibilidade de apresentar fases com a tarefa preparatória, tarefa de assimilação de conteúdos, tarefa de elaboração pessoal. Uma das formas mais conhecidas de trabalho independente é o estudo dirigido individual ou em duplas.
- Método de elaboração conjunta – é um método de interação entre o professor e o aluno visando obter novos conhecimentos.

- Método de trabalho de grupo - consiste em distribuir tarefas iguais ou não a grupos de estudantes, de três a cinco pessoas. Têm-se também formas específicas de trabalhos de grupos comuns: debate, Philips 66, tempestade mental, grupo de verbalização, grupo de observação (GV-GO), seminário.
- Atividades especiais – são aquelas que complementam os métodos de ensino.

Na visão de Ilma Passos Alencastro Veiga (2006, p. 25) “a construção do conhecimento é sempre do sujeito, mas não só dele; o conhecimento se constrói por uma mediação social que pode estar mais ou menos presente”. E quanto à situação de ensino, há necessidade da ação mediada do professor para “articular as relações que compõem o objeto de estudo e o caminho para a sua descoberta/redescoberta; [...] propor atividades e estratégias didáticas necessárias à construção do conhecimento. (VEIGA, 2006, p. 25)”.

Danielle Castro (2005, p.5) relata que:

A Língua Portuguesa pode ser trabalhada como um instrumento lúdico motivador, já que se pode, por exemplo, dentro de um debate, de uma redação, estar estimulando nos alunos a formação e a manifestação de diferentes pontos de vistas; na literatura transformar um gênero literário em outro, uma notícia de jornal em conto, assim como um texto poético em crônica, porém sempre levando uma determinada situação-problema e oferecendo ao aluno várias oportunidades de atuar criativamente sobre a própria língua.

E continua afirmando que:

O Ensino-Aprendizagem se preocupa, não só com as mudanças tecnológicas e comportamentais, que ocorrem em velocidades cada vez maiores dentro do ensino, como também, com o desempenho do professor e do aluno neste processo. É, portanto, um desafio para quem deseja construir aprendizagens e estratégias educacionais, levando-se em conta essa evolução pela qual trafegam mestre e aluno. (p.4).

É muito importante que sejam feitas às adaptações necessárias a cada série que se pensar trabalhar, mas as sugestões são possíveis de serem aplicadas no sexto, sétimo, oitavo e nono anos.

E a interação professor-aluno, segundo Libâneo (2008, p. 249) “é um aspecto fundamental da organização da “situação didática”, tendo em vista alcançar os objetivos do processo de ensino: a transmissão e assimilação dos conhecimentos, hábitos e habilidades.” O professor deve dar atenção e cuidar para que seus alunos aprendam a expressar-se, e expor suas próprias opiniões, pois estas respostas e opiniões dos alunos demonstram que eles estão

interagindo com o professor. E as dificuldades que venham a ocorrer, o educando podem auxiliá-los ao tirarem essas dúvidas de forma adequada e positivamente.

Nesse sentido, o professor precisa estabelecer e combinar severidade e respeito. “Cabe ao professor controlar esse processo, estabelecer normas, deixando bem claro o que se espera de seus alunos”. (LIBÂNEO, 2008, p. 251).

E ainda nas palavras de Libâneo (2008, p. 251) “o professor representa a sociedade, exercendo um papel de mediação entre indivíduo e a sociedade. O aluno traz consigo a sua individualidade e liberdade”.

E pensando em tudo o que foi falado acima, a seguir serão sugeridas algumas dicas de como o professor do Ensino Fundamental de Língua Portuguesa pode desenvolver metodologias diversificadas, que efetivamente possam auxiliar na aprendizagem, e na conscientização dos alunos a respeito do tema “violência”, problema social grave que vem ocorrendo no ambiente escolar.

2.4.1. Cinema

Atualmente, com os auxílios das novas tecnologias, os docentes têm uma diversidade de materiais que podem ser usados em suas práticas pedagógicas, e um deles são os filmes. Ronaldo Nunes Linhares (2011, p.8) afirma que “a presença da imagem-movimento, através do cinema, da televisão, do vídeo e DVD, na escola, torna-se aos poucos, uma realidade concreta, embora conflituosa”.

No contexto da relação comunicação/educação, a relação linguagem audiovisual e escola continuam permeadas de preconceitos e estereótipos que dificultam o aproveitamento das “possibilidades comunicacionais” na sala de aula, não permitindo o desenvolvimento de um “habitus” de uso da linguagem audiovisual enquanto concepção pedagógica por professores e pedagogos. (LINHARES, 2011, p.8).

A recomendação para a prática de uso de filmes em sala de aula é que sejam feitos planejamentos prévios, através do qual o educador tenha clareza quanto aos objetivos relativos à utilização do filme; e qual a relação entre o filme; quais os conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula; além da faixa etária indicada pelo filme.

A presença da linguagem audiovisual na escola, torna-se um processo complexo, na medida em que esta não faz parte da formação profissional e intelectual do professor, desde o campo da ação pedagógica, passando pelo campo do domínio da

tecnologia e da linguagem, até o campo da fruição e do prazer. (LINHARES, 2011, p. 10-11).

A seguir, será apresentado um modelo de plano de aula usando filmes, que poderão ser utilizados pelos professores de Língua Portuguesa para abordarem os temas: violência escolar, discriminação racial, desigualdade, entre outros.

Preparação da aula:

- 1º Passo – Selecionar o filme: de acordo com o conteúdo da matéria, numa dada unidade programática da disciplina, e a faixa etária dos alunos, para os desenvolvimentos das práticas pedagógicas.
- 2º Passo – Assistir ao filme antes de usá-lo: para conhecer a obra cinematográfica e estabelecer critérios para o plano de aula (estratégias de ensino, conceitos que serão trabalhados etc.). Essa parte é importante, porque nela o professor vai optar por exibir o filme na íntegra ou parte dele, de acordo com os objetivos delineados no plano de aula.
- 3º Passo – Elaborar um Plano de Aula: o próximo passo é escrever o plano da aula, expondo os conceitos, os objetivos, a metodologia, incluindo um roteiro de discussão do filme, e a avaliação.
- 4º Passo – Precaução Técnica: verificar na escola, com antecedência, se os equipamentos (TV, videocassete ou aparelho de DVD) estão em perfeitas condições de serem usados, para que não ocorra nenhuma surpresa desagradável no dia da aula.

b) Execução da aula:

- 5º Passo – Apresentação do Plano de Aula: entregar o planejamento aos alunos (deve conter a sinopse do filme e um roteiro para discussão); fazer um breve comentário da obra a ser exibida e pedir para os alunos que prestem muita atenção no filme, pois serão feitas atividades referentes ao assunto discutido.
- 6º Passo – Exibir o Filme: de acordo com o planejamento, exibir-se-á o filme na íntegra ou partes da obra; o professor não deve se ausentar da sala. Essa atividade não deve ser encarada como uma distração, em que professores usam filmes para ocupar o

tempo de suas aulas, mas sim como uma oportunidade de construir conhecimento, um saber histórico escolar.

- 7º Passo – Promover o Debate: mediar a discussão entre o filme e o roteiro. Este é um momento importante do trabalho com filmes ou documentários. O professor precisa ter um conhecimento básico da linguagem cinematográfica para ajudá-lo na hora da análise crítica dos filmes e na orientação aos alunos. Por isso, vale a pena consultar na internet sites de introdução ao cinema ou comprar livros da área para orientar o professor no momento do debate.
- 8º Passo – Usar outra Fonte (Facultativo): articular a discussão do filme usando outro tipo de fonte (música, matéria de jornal, fotografia etc.). Pode tornar a aula muito mais dinâmica e elucidativa.

Uma sugestão de filme que pode ser utilizado pelos professores em suas práticas pedagógicas na prevenção do *Bullying* é o filme “*Mãos Talentosas*”, que conta a história de um menino negro e pobre, chamado Ben Carson, que morava com sua mãe, Sonya e seu irmão Curtis, na cidade em Detroit, Estados Unidos.

Ben sempre tirava notas baixas, e era sinônimo de deboche por parte de seus colegas de escola, que zombavam e colocavam apelidos maldosos. Por isso ele desenvolveu problemas de relacionamento e tinha dificuldades em controlar sua raiva, por isso tinha grande problema social. Mas sua mãe nunca deixou de ajudar os dois filhos com a educação escolar; incentivava-os a estudar e achava que não demonstrando seus problemas particulares com o analfabetismo e a depressão, os incentivavam a serem melhores do que eram.

O filme mostra ainda a discriminação que os negros sofriam nos Estados Unidos. Porém, com todos esses problemas Ben nunca desistiu de seu sonho em ser médico, e é sempre incentivado por sua mãe. Assim, concluiu seus estudos e tornou-se o melhor médico neurocirurgião de todo o mundo.

Após assistirem esse filme, os professores podem trabalhar com seus alunos, a ética, a cidadania e a violência que ocorrem dentro da própria escola, poderão pedir que seus alunos façam um resumo crítico sobre os diversos temas como preconceito, discriminação, violência escolar, *bullying*, presente no filme.

Uma outra sugestão de filme que pode ser usado pelos professores para conscientizar os alunos a respeito do tema *bullying* é o filme *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, uma sugestão encontrada no livro didático *Português e Linguagem*, analisado no item anterior deste trabalho. Trata-se de um documentário que discute as causas de um trágico

acontecimento entre dois estudantes da cidade dos EUA, que mataram a tiros doze estudantes e um professor de sua própria escola. Além da questão do *bullying*, o filme aborda também a livre posse de armas em vários estados norte-americanos.

Mais um filme para compor as sugestões metodológicas é a obra cinematográfica “*Escritores da Liberdade*”, um drama, com a direção de Richard LaGravenese. A atriz Hilary Swank, que interpreta Erin Gruwell, também chamada professora G, pelos seus alunos da sala 203, de uma instituição de ensino médio em Long Beach, Estados Unidos. O filme conta a história da professora Gruwell e seus alunos e alunas, tidos como delinquentes e desprovidos de inteligência. A história toma um rumo extraordinário, quando a professora passa o Diário de Anne Frank para seus alunos lerem, isto porque os alunos veem semelhanças entre a perseguição aos judeus e os desclassificados jovens adolescentes, imigrantes americanos, um verdadeiro caldeirão multicultural, onde o que prevalecia era a lei das gangues.

E no meio de tanta violência, desigualdade e desprestígio que a professora G lança o olhar para as experiências daqueles jovens, motivando-os a ler e escrever sobre suas vidas. Da escrita emerge solidariedade, tolerância, simpatia, valores um tanto quanto esquecidos até mesmo pela direção da escola.

A análise sugerida é que a mídia influencia de diversas formas o nosso dia-a-dia, tanto no que comemos, vestimos e no que fazemos. E neste sentido, o professor pode, por meio do filme, auxiliar no desenvolvimento crítico dos seus alunos, mostrando cenas onde personagens colocam suas opiniões e valores em primeiro lugar, não dando atenção a outros que tentam influenciá-los, como em cenas de uso de drogas, violências dentro das escolas, discriminação racial etc.

Outra sugestão metodológica são análises de vídeos documentários brasileiros que abordam o tema do *bullying*, como por exemplo, o da programação do *Globo educação*, no especial *Globo Educação 2011*, onde, ao longo de 24 episódios, a emissora vem mostrando, informando e descobrindo como se faz educação no Brasil, explorando temas, questões e desafios que envolvem o ensino nas escolas brasileiras. Temas importantes, emblemáticos e fundamentais como: Quem quer ser professor? O que é uma escola de qualidade? A diversidade sexual e *bullying*, a exemplo do *Episódio 11, intitulado Bullying – Combater ou evitar?*

Indicamos também o vídeo documentário do blog de Elenice Silva (2009) que faz uma abordagem do ponto de vista de um aluno de uma escola pública da Zona Sul da cidade de São Paulo, que era vítima de *Bullying*, e as estratégias usadas pela escola para combater essas práticas no interior da Instituição de ensino.

2.4.2 Poema e música

Outra sugestão que pode ser trabalhada com os alunos do ensino fundamental para discutirem sobre a violência escolar são os gêneros poéticos, em forma de poema ou em poemas musicados.

A professora Simone Malta sugere a música *Mais uma vez*, de Renato Russo. A aula de preferência tem que ser realizada em 2 horários seguidos, e da seguinte forma:

- 1º - Fazer um círculo de modo que todos se veem, apresentar uma pesquisa sobre “*bullying*” e debater sobre as opiniões dos alunos a respeito do tema.
- 2º - Em seguida distribuir as folhas com a letra da música - *Mais Uma Vez*.
- 3º - Ouvir a música e apreciá-la, incentivar para que eles cantem.
- 4º - Ouvir a música em estrofes e analisarem oralmente (estrofe por estrofe).
Mas antes, lançar a pergunta: O que a música de Renato Russo “*Mais Uma Vez*” tem haver com o tema pesquisado “*Bullying*”?

Durante ou após a análise da música, (fica a critério do professor, pois depende do andamento da aula), faça as perguntas abaixo para os alunos levando-os a pensarem, e se auto-analisarem, e peça que as usem como forma de reflexão diária ao deitar. Sempre lembrando de que as respostas são de ordem moral, espiritual e não material. De início, como se tratam de adolescentes, eles podem até achar utópico, uma bobagem esse tipo de pergunta, mas, no fundo, serão sementes plantadas que germinarão.

- O que fiz de bom pra mim mesmo hoje?
- Qual defeito meu, que hoje consegui superar, ou pelo menos superei parte dele? (todos são dotados de defeitos por mais difícil que seja de admitir e temos plena consciência deles, e todos temos a missão de corrigi-los).
- Que bem pratiquei hoje ao próximo?
- O que deixei de fazer ao próximo que amanhã poderei fazer melhor?
- Magoei alguém?

Como parte teórica, peça que observem e relacionem as diferenças entres os textos: informativo (que pesquisaram) com a letra da música *Mais Uma Vez* (poema). Malta sugere

ainda que aproveitem os textos para trabalhar a parte gramatical que esteja sendo estudada ou a parte ortográfica.

Mais Uma Vez

Renato Russo

Composição: Renato Russo, Flavio Venturini.

Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...

Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem...

Tem gente que está
Do mesmo lado que você
Mas deveria estar do lado de lá
Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar...

Tem gente enganando a gente
Veja nossa vida como está
Mas eu sei que um dia
A gente aprende
Se você quiser alguém
Em quem confiar
Confie em si mesmo...

Quem acredita
Sempre alcança...

Mas é claro que o sol
Vai voltar amanhã
Mais uma vez, eu sei...

Escuridão já vi pior
De endoidecer gente sã
Espera que o sol já vem...

Nunca deixe que lhe digam:
Que não vale a pena
Acreditar no sonho que se tem
Ou que seus planos
Nunca vão dar certo
Ou que você nunca
Vai ser alguém...

Tem gente que machuca os outros
Tem gente que não sabe amar
Mas eu sei que um dia
A gente aprende
Se você quiser alguém
Em quem confiar

Confie em si mesmo!...

Quem acredita
Sempre alcança... (7x)

2.4.3. Debate deliberativo

No capítulo três do livro didático *Português e Linguagens*, analisado nesta pesquisa, foi feita uma proposta metodológica (páginas 158 e 159), intitulado *debate deliberativo*, a respeito do tema *bullying*, que o docente pode realizar após a classe ter lido as reportagens e os textos que apresentavam as explicações a respeito da violência escolar – *bullying*. O professor será o mediador do debate, que vai anotar as inscrições de quem quiser participar, controlar o tempo e o comportamento dos alunos, etc. Os alunos terão de debater com a classe medidas para *combater o bullying nas escolas*, no final do debate os alunos em conjuntos decidirão quais estratégias a serem tomadas para combater o *bullying* na classe, e se possível, por toda a escola.

Para maiores esclarecimentos de como proceder com essa atividade, se encontram em anexos às páginas citadas do livro no final do trabalho. É sempre bom lembrar que toda e qualquer fonte bibliográfica deverá ser devidamente referenciada em todo material didático utilizado na escola, como forma de fazer valer os direitos autorais e intelectuais dos autores.

2.4.4. Literatura infanto-juvenil

Em meio a tantas diversidades de materiais que podem ser utilizados pelos professores de português em suas práticas pedagógicas, nas abordagens de temas referentes à violência escolar, encontramos uma coleção de livros de literatura, da série *Aprendendo a com-viver* da editora Moderna, São Paulo, de edição do ano de 2007, que tem dez livros em sua coleção. Nos livros que compõem a série, as autoras estimulam as discussões sobre ética e cidadania, tão importantes para a educação de valores. O objetivo fundamental dessa coleção é a formação da pessoa autônoma e do cidadão ativo, capaz de se compreender como portador e criador de direitos e deveres.

Acreditamos que não só professores de Língua Portuguesa podem utilizar o material nas suas aulas, mas o mesmo poderá auxiliar diferentes disciplinas no encaminhamento dos temas, além da possibilidade de fazer a interdisciplinaridade com as outras disciplinas, e assim, cada profissional, na sua área, estará contribuindo para o desenvolvimento de seus alunos. O

educador tem assim, outras possibilidades para planejar fazer em conjunto com professores de outra área.

A seguir serão apresentadas sinopses de dois livros escolhidos, que fazem parte da coleção *Aprendendo a com-viver*.

No primeiro livro intitulado: “*Amor, paixão, amizade - relações afetivas na adolescência*”, de Maria Helena Pires Martins, apresenta uma reflexão do amor sobre as características dos afetos, e a autora diz que dentre todos os sentimentos o mais importantes na adolescência é o amor, em suas várias formas.

Na adolescência nossos sentimentos e emoções são sempre intensos, oscilando entre o amor e o ódio profundos. Mas poucas vezes refletimos sobre nossos afetos, suas características e sua importância no modo como nos relacionamos com as pessoas. Para iniciar essa reflexão, escolhemos um dos afetos, o amor, e discutimos suas várias faces: a paixão, a amizade, o amor em família e o amor entre duas pessoas. (MARTINS, 2007).

O segundo livro chama-se “*Entre a Espada e a Palavra: Violência ou Diálogo?*”, de Maria Lúcia de Arruda Aranha, onde ela traz diferentes significados para o termo violência, levando o leitor fazer uma reflexão profunda do significado dessa palavra:

A violência, revelada todo dia pelo noticiário da tevê e dos jornais, é uma ameaça que nos cerca por todo lado. Mas ela não se restringe a assaltos, homicídios e, nos casos mais extremos, à guerra e ao terrorismo. Porque a violência também existe nas sociedades desiguais. Igualmente a encontramos na intolerância, que leva à discriminação e ao preconceito. E hoje, mais do que nunca, no sofrimento da natureza devastada pela mão humana. (ARANHA, 2007).

Segundo as autoras desta coleção de livros infanto-juvenis, tanto o conteúdo dos livros, bem como as propostas de atividades em sala de aula visam levar os alunos a:

- Identificar e clarificar valores;
- Avaliar causas e consequências de comportamentos;
- Argumentar para defender suas posições;
- Verbalizar sentimentos;
- Colocar-se no lugar dos outros;
- Buscar alternativas possíveis de conduta.

Sendo assim, com a leitura desses livros, os professores podem levar os alunos ao exercício da reflexão e do diálogo, e conseqüentemente desenvolver atitudes em que o aluno

seja capaz de sustentar seus pontos de vista, ao mesmo tempo em que aprenda a ouvir e a respeitar opiniões alheias.

Outras atividades podem prever pesquisas realizadas na escola contra a violência escolar e exposição destas através de jornal mural, onde as demais séries possam ter acesso; o professor poderá ajudar seus alunos a montarem e apresentarem uma peça de teatro escrita por eles; estimular a criação artística (rap, paródia, charge, tirinhas, etc.). Podem ainda elaborar folhetos informativos, contendo os principais dados sobre *bullying* e suas características para ser distribuído na escola. São inúmeras as possibilidades que podem ser aplicadas pelos professores ao trabalharem o tema da violência escolar, em especial o *bullying*, com auxílio de novas metodologias e o uso de diferentes tecnologias, que possibilitem tornar suas aulas mais dinâmicas e atrativas.

Todas estas ações didáticas devem servir para sensibilizar toda a comunidade escolar, já que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para sua produção ou sua construção” (Freire, 1996, p.22).

2.5. Por uma educação para os valores e os direitos humanos

Os direitos humanos são direitos fundamentais devem ser respeitados, sobretudo em defesa da igualdade entre os seres humanos, respeitando as diferenças, e a educação compõe este arcabouço legal de direitos, com destacado espaço em tratados, leis e discursos.

A Constituição Imperial Brasileira de 1824, já afirmava que todos têm direitos à educação, mas só na Constituição de 1934, que se declara no seu Art.140 que “a educação é direitos de todos e deve ser ministrada pela família e pelos poderes públicos”. Todavia, a regulamentação da Educação se deu nos termos da Lei nº. 9.394/96, aprovada em 20 de dezembro de 1996 (Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB/96) que diz no seu Art. 2º:

A educação, dever da família e do Estado, inspirada nos princípios de liberdade e nos ideais de solidariedade humana, tem por finalidade o pleno desenvolvimento do educando, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 2006, p.1).

Contudo, a ideia de educação para todos só se tornara uma realidade quando todas as crianças e jovens de todos os países tiverem acesso à educação básica com qualidade, pois na prática sabemos que isso ainda não acontece. O Estatuto da Criança e do Adolescente, ECA,

criado pela lei nº. 8069 de 13 de julho de 1990, afirma que todas as crianças e adolescentes independentes de cor, raça, têm os mesmos direitos de igualdade.

No que diz respeito a violência escolar, o ECA (2005) em seu art. 245 estabelece como a escola e o professor devem proceder, tanto em casos ocorridos dentro da escola ou fora dela:

Deixar o médico, professor ou responsável por estabelecimento de atenção à saúde e de ensino fundamental, pré-escola ou creche, de comunicar à autoridade competente os casos de que tenha conhecimento, envolvendo suspeita ou confirmação de maus-tratos contra criança ou adolescente:
Pena - multa de três a vinte salários de referência, aplicando-se o dobro em caso de reincidência. (BRASIL, 2005, capítulo II).

Estamos em um momento onde alguns destes referenciais, frutos de recentes políticas públicas de defesa dos direitos da criança e do adolescente, vem sendo questionados, por terem mecanismos de defesa de direitos exemplares, porem por não contarem com efetiva rede de proteção necessária a estes direitos.

Em suma, temos uma lei poderosa, mas com uma infra-estrutura sem nenhuma condição de aplicá-la, a exemplo das medidas sócio-educativas, que deveriam servir para os alunos serem reinseridos no convívio harmonioso de sua comunidade. No entanto, este tema não foi por nos aprofundado, pois acreditarmos ser bastante complexo, demandando novo processo de pesquisa.

Para que a escola promova a educação para os direitos humanos, é preciso à ação compartilhadas de alunos e professores, de modo a desencadear processos autônomos de produção de conhecimentos. Segundo Vera Maria Candau (2008, p.53), para a promoção de uma educação intercultural, “é necessário penetrar no universo de preconceitos e discriminações que impregna – muitas vezes com caráter difuso, fluido e sutil – todas as relações sociais que configuram os contextos em que vivemos”.

E ainda nas palavras de Candau (2008, p.54) “as relações entre direitos humanos, diferenças culturais e educação colocam-nos no horizonte da afirmação da dignidade humana num mundo que parece não ter mais essa convicção como referência radical”.

Para garantirmos o direito à educação para todos, temos um longo caminho a percorrer, no combate as injustiças sociais e a luta pelos direitos iguais, e o respeito ao próximo pode e deve ser promovido pelas práticas pedagógicas de professores de Língua Portuguesa, de modo a fazer com que alunos pensem e reflitam sobre seus deveres e direitos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou debater sobre o tema da violência escolar e apresentar algumas sugestões didático-metodológicas para os professores de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental, com ações de conscientização e reflexão sobre a questão da violência e para a erradicação dessa prática dentro das escolas. Espera-se com isso, que os professores levem os alunos a posicionarem-se criticamente a respeito do assunto e adotarem atitudes de respeito ao próximo, ter um bom convívio social, conhecer novos valores e regras.

A sociedade, como um todo, precisa se preparar para lidar com o problema da violência escolar, que é preocupante; não importando de qual camada social a vítima ou o agressor advêm. O que realmente tem que se levar em conta é que os índices de violência do *bullying* crescem compulsoriamente, e a primeira vista parece só uma brincadeira “inocente” por parte dos alunos, mas que traz consequências trágicas.

Acreditamos enfim, que a prevenção e o combate não possa se limitar a ações isoladas de alguns professores, mas deve-se tornar uma ação estratégica, como parte de políticas públicas permanentes de diversos setores ligados a educação escolar, que não podem se omitir frente ao grave problema.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **Entre a espada e a palavra: violência ou diálogo?** São Paulo: Moderna, 2007. – (Aprendendo a com-viver).

BRASIL. Ministério da Educação. **Estatuto da Criança e do Adolescente.** Brasília, 2005.

_____. Lei nº. 9394/96. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** 3. ed. Brasília: SEMTEC/MEC, 2006.

_____. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental.** Língua Portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA, jornal da. Brasília-DF. Dias: 12-18 de agosto de 2010. Câmara dos deputados, ano 11, número 2506, p.10-11.

CANDAU, Vera Maria. **Direitos humanos, educação e interculturalidade: as tensões entre igualdade e diferença.** Revista. Brasil. Educação, Abril 2008, vol.13, nº. 37, p.45-56. ISSN 1413-2478

CARTER, Thomas. **“Mãos Talentosas”:** A História de Benjamin Carson. EUA, 2009. Filme.

CASTRO, Danielle Andrade de. **O lúdico no ensino-aprendizagem da Língua Portuguesa: sugestões de aulas criativas e divertidas aplicadas a alguns conteúdos do Ensino Fundamental – 5ª a 8ª série.** Rio de Janeiro, 2005. 58 p. Pedagogia em Foco. Rio de Janeiro, 2006. Disponível em: <<http://www.pedagogiaemfoco.pro.br/let01.htm>>. Acesso em: 14/09/2011.

CEREJA, William Roberto. **Português: linguagem,** 7º ano/ William Roberto Cereja, Thereza Cochar Magalhães. – 5. ed. reform. São Paulo: Atual, 2009.

CORACINI, Maria José Rodrigues Faria. **Interpretação, autoria e legitimação do livro didático: língua materna e língua estrangeira** / Maria José Rodrigues Faria Coracini (org.) 1º ed. – Campinas, SP: Pontes, 1999.

FANTE, Cleo & José Augusto Pedra. **Bullying Escolar - perguntas e respostas.** Editora: Artmed. Ano: 2008. N. de páginas: 132.

_____. **Os perigos do cyberbullying nas escolas.** Entrevista 14/06/10 publicada na Conexão Professor. Disponível em: www.conexao professor.rj.gov.br/educacao-entrevista-00.asp?...4591 Acessado dia: 28/06/2011

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia. Saberes Necessários à Prática Educativa.** São Paulo: Paz e terra, 1996.

GADOTTI, M. **Diversidade cultural e educação para todos.** Rio de Janeiro: Graal, 1992.

GUEDES, Mariana Suelen Giachini. **Análise de Livro Didático de Língua Inglesa nas Séries Iniciais do Ensino Fundamental.** Bauru, 2007. Trabalho de conclusão de curso, da Faculdade de Ciências, Campus de Bauru.

HAETINGER, Max Gunther. Síntese do Livro - Didática. José Carlos Libâneo. Disponível no site: www.pgie.ufrgs.br/alunos_esp/esp/max/public.../didatica.htm Acessado: 13/10/2011.

KOCH, Ingedore Grunfeld Villaça. **A Inter- ação pela linguagem.** 8.ed.-São Paulo: Contexto,2003. Pág.07 á 73.

KUBITSCHKE, Juscelino. EMEF. **Dicas Pedagógicas “Renovar Sempre”.** Fundamentos Básicos de como utilizar um Filme na Sala de Aula: Alguns Passos Importantes para o Trabalho Docente. Disponível no site: somoemefjk.blogspot.com/p/dicas-pedagogicas-renovar-sempre.html Acessado dia: 28/09/11

LIBÂNEO, José Carlos. **Didática.** São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção magistério. Série formação do professor).

LIBÂNEO, José Carlos. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a teoria histórico-cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davydov.** Revista Brasil Educação, Dezembro 2004, n.º 27, p.5-24. ISSN 1413-2478.

LINHARES, Ronaldo Nunes. **Educação/Comunicação: O Uso do Audiovisual em Sala de Aula.** Disponível em http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/2/2c/GT10_009.pdf Acessado: 14/10/2011

LOPES, Claudivan Sanches. **A violência no espaço escolar e a relação professor-aluno.** Mestrado em educação. UEM, dezembro de 2001.

MARCULINO, Eduardo. **Pedagogia e vida: Concepções de linguagem alteram o que e como ensinar.** Disponível no site: <http://pedagogiavida.blogspot.com/2010/01/concepcoes-de-linguagem-alteram-o-que-e.html>

Acessado: 16/08/11

MALTA, Simone. Educação: **Plano de aula – “Bullying”.** Disponível no site: <http://simonemalta.blogspot.com/2010/10/plano-de-aula-bullying.html> Acessado: 26/09/11

MARTINS, Maria Helena Pires. **Amor, paixão, amizade: relações afetivas na adolescência.** São Paulo: Moderna, 2007. - (Aprendendo a com-viver).

MOREIRA, Antonio Flavio Barbosa. **Currículo, cultura e sociedade** / Tomaz Tadeu da Silva (org.); tradução de Maria Aparecida Bapstista – 9. ed. – São Paulo, Cortez, 2006.

SANTOMAURO, Beatriz. **Cyberbullying: a violência virtual.** Publicado em Nova Escola, edição nº. 233, Junho/Julho 2010. Título original: Violência virtual.

SILVA, Célia Maria Medeiros Barbosa da. **O ensino de língua portuguesa no nível médio: o que se deseja.** Universidade Potiguar (UnP), Curitiba 2011. Anais do VII Congresso Internacional da Abralín.

SILVA, Elenice da. **Bulling – TV Futura.** Vídeo documentário, 2009/2011. Disponível no site: <http://elenicedasilva.com.br/?p=140> Acessado dia: 14/10/11

SILVA, Márcio Roberto Ribeiro. **Educação Física e o Fenômeno da Violência na Escola.** FsbA – Faculdade Social da Bahia Curso de Licenciatura em Educação Física. . Salvador 2008.

SPOSITO, Marília Pontes. **A Instituição Escolar e a Violência.** Instituto de Estudos Avançados da Universidade de São Paulo. Cadernos de Pesquisa, n.104, p.58-73, jul./98.

STELKO-PEREIRA, Ana Carina & Lúcia Cavalcanti de Albuquerque Williams. **Reflexões sobre conceito de violência escolar e a busca por uma definição abrangente.** Temas em Psicologia - 2010 Vol. 18, no 1, 45 – 55.

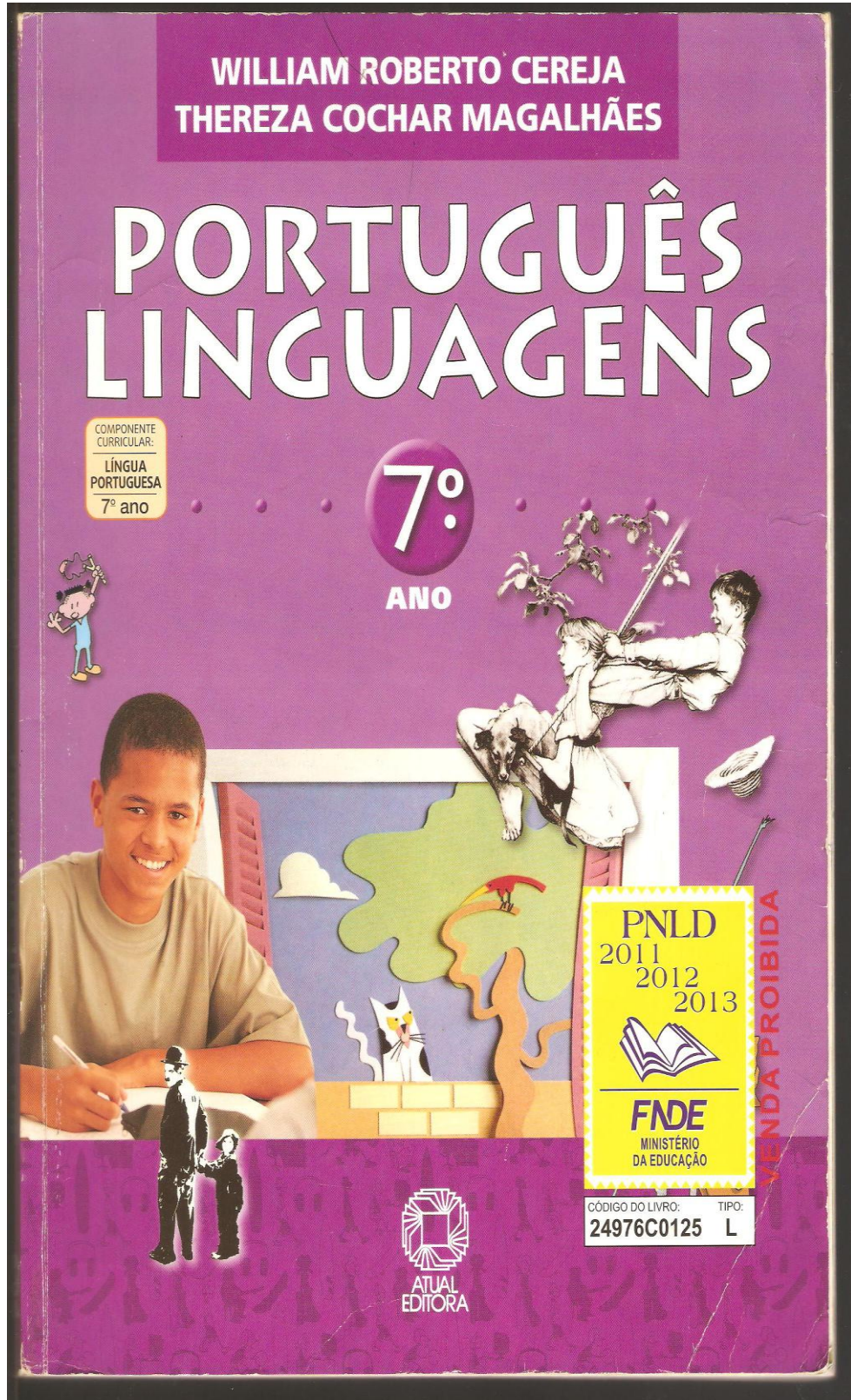
SWAN, Hilary. Freedom Writers. **Escritores da Liberdade.** EUA, 2007. Filme.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. **Lições de Didática**. Campinas: Papirus, 2006.





VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura na escola pública primária**. (Brasil e França, final do século XIX). Campinas, SP: Autores Associados, 2005. – (Coleção Memória da Educação).

ANEXOS

- Capa do LD



- Sumário do LD

	Para escrever com expressividade	126
	Os pronomes e a coesão textual	126
	A língua em foco	128
	A preposição	128
	Combinação e contração	129
	Os valores semânticos das preposições	131
	A preposição na construção do texto	133
	Semântica e discurso	134
	Divirta-se	136
		
CAPÍTULO 2 – Alteridade: exercício de ternura		
	Quadro, de Norman Rockwell	137
	Cruzando linguagens	138
	Produção de texto	139
	Argumentação oral: a discussão em grupo	139
	O que é uma discussão em grupo?	139
	A língua em foco	141
	Transitividade verbal, objeto direto e objeto indireto	141
	A transitividade verbal na construção do texto	146
	Semântica e discurso	147
	De olho na escrita: há ou a?	148
	Divirta-se	151
		
CAPÍTULO 3 – Bullying: o exercício da intimidação		
	Eu sei o que é bullying, depoimentos	152
	Bullying. Não tem a menor graça!, revista Atrevida	153
	Internet e celular viram armas entre adolescentes, escondidos no anonimato, jornal Folha de S. Paulo	154
	Brigada antibullying, jornal Folha de S. Paulo	154
	Estudo dos textos	155
	Compreensão e interpretação	155
	A linguagem dos textos	157
	Trocando ideias	157
	Produção de texto	158
	O debate deliberativo	158
	A língua em foco	160
	Funções dos pronomes pessoais	160
	Variações dos pronomes oblíquos o e a	163
	Pronomes retos e pronomes oblíquos	164
	Semântica e discurso	166
	Divirta-se	167
		
	Intervalo Projeto: Solidariedade e respeito	168

CAPÍTULO 3

Bullying: o exercício da intimidação

À menina magricela chamam de “Olivia Palito”; ao gordinho chamam de “baleia” ou “orca”; ao outro, que começou a usar óculos, chamam de “quatro-olhos” ou “nerd”.
Será que não há lugar para o respeito pelas características e pelos sentimentos de cada um?

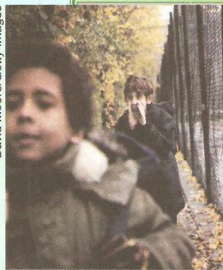
Eu sei o que é bullying

Depoimento 1 – “Tem um menino do 4º ano que vive me ameaçando, pedindo dinheiro e lanche. Ele me bateu na saída. Ele me cobrava R\$ 1,00. Um dia, eu entrei na escola, e ele me bateu na classe e também cobrou R\$ 1,50. Se eu não desse o dinheiro, ele me batia na saída. Então eu corri e contei para o diretor que ele queria me bater na rua e na entrada. Ele me bateu e agora cobra R\$ 2,50 e fica me ameaçando...” (aluno do 4º ano, 9 anos)

Orlando/Folha Imagem



David Moore/Getty Images



Depoimento 2 – “Minha vida escolar é muito ruim porque os meninos me colocaram um apelido que me deixa magoada. Queria resolver isso, mas não consigo. Finjo que não ligo, mas não adianta nada, de qualquer jeito eles me xingam. Não sei o que fazer; falei para a professora, mas eles continuam assim mesmo...” (aluna do 5º ano, 10 anos)

Depoimento 3 – “Minha vida na escola é muito triste porque meus colegas me colocam apelidos de que não gosto. Me chamam de ‘sarmenta’, ‘feia’, ‘piolhenta’ e outras coisas. Gostaria que parassem com isso, não aguento mais tanta humilhação...” (aluna do 6º ano, 11 anos)

Bob Esaiote/Getty Images



Depoimento 4 – “Não vou mentir, meus colegas me tratam muito mal, com violência verbal, porém, quanto mais me tratam mal, mais eu tenho rancor dos meus companheiros de escola. Sou caluniado porque tiro sempre notas boas e, se contar para os professores ou para a direção, eles falam que vão me pegar. Por isso, fico quieto...” (aluno do 7º ano, 12 anos)

(Depoimentos colhidos pela pesquisadora Cleo Fante. In: Cleo Fante., op. cit., p. 35-7)

Bullying. Não tem a menor graça!

Você já foi alvo de gozação ou viu alguém sendo sacaneado constantemente? Não era brincadeira. Era o *bullying* em ação

A palavra

Sem tradução para o português, *bullying* é toda agressão feita com a intenção de machucar outra pessoa ou até uma turma inteira. Mas, pra ser considerado *bullying* de verdade, também é preciso que essa atitude agressiva se repita uma porção de vezes. Sabe aquele garoto que fica gozando do colega todo santo dia, fazendo piadinhas infelizes a respeito da orelha de abano do garoto? Pois essa atitude grosseira, repetitiva, disfarçada de brincadeira, é o tal de *bullying*. Mas esse comportamento vai além dos apelidos maldosos. Ele também é uma característica de quem gosta de ofender, humilhar, discriminar, intimidar, enfim, de quem se diverte fazendo tudo o que faça uma menina (ou o menino) sofrer (veja mais exemplos em “As faces da maldade”).

[...]

Menino é diferente

A prática do *bullying* nem sempre é igual para meninos e meninas. Segundo Aramis Lopes, pediatra e coordenador do Programa de Redução do Comportamento Agressivo entre Estudantes, os garotos são mais explícitos. É comum ver meninos tirando sarro de alguém na frente de todo mundo. “Já a menina é educada para ser mais recatada, discreta. Sendo assim, a estratégia delas é outra”, explica o médico. É isso mesmo! A menina é mais sutil e vai, como se diz, “comendo pelas bordas”. Uma fofquinha aqui, uma esnobada ali e lá está ela colocando

em prática sua maldade. “A princípio, elas são amigas. Mas, quando vai ver, uma garota já está sendo vítima de difamação e exclusão dentro de seu grupo”, acrescenta Aramis.

Para esses casos, o especialista dá a melhor solução: trocar de turma. Afinal de contas, você é livre para ser amiga de quem bem entender e não tem nada a ver ficar atrás de meninas que só querem vê-la numa pior, não é mesmo?

Mas, quando o assunto é gozação na frente de todo mundo, como nos casos em que o cidadão grita um apelido infeliz pelos quatro cantos da escola, a pedagoga Karen Kaufmann Sacchetto [...] tem a saída: “Evite reforçar essa atitude. Tente ignorar o máximo que puder”. E Aramis complementa: “Saia de perto, para a brincadeira não continuar e você não sofrer”.

Contar ou não, eis a questão

E os pais, como ficam nessa história toda? “Se tiver coragem, conte a eles, pois podem ajudá-la”, diz Karen. Porém o pediatra Aramis alerta: “Procure alguém de sua confiança, um colega, um professor, um funcionário da escola, ou seus pais e conte o que se passa com você. De preferência, os pais só devem interferir com o consentimento dos filhos”. Se você estiver certa de que quer a ajuda de seus pais nessa luta, peça uma mãozinha. Do contrário, se tiver medo de que a situação piore, busque apenas o apoio deles, mas não desista de tentar se livrar desse sofrimento. Ficar quieta e aceitar todos os tipos de maldade é o comportamento mais incorreto. Muitas vezes, quando ficamos chateadas não há nada melhor do que o colo e os conselhos do pai e da mãe para nos dar um calorzinho no coração.

A diretoria da escola também pode ser avisada, principalmente em casos mais graves, como os de ameaça. [...]

As faces da maldade

Veja o que é considerado *bullying* pela Associação Brasileira Multiprofissional de Proteção à Infância e à Adolescência (Abrapia)

- colocar apelidos ■ ofender ■ zoar ■ gozar ■ encarnar ■ sacanear ■ humilhar ■ fazer sofrer ■ discriminar ■ excluir ■ isolar ■ ignorar ■ intimidar ■ perseguir ■ assediar ■ aterronzar ■ amedrontar ■ tiranizar ■ dominar ■ agredir ■ bater ■ chutar ■ empurrar ■ ferir ■ roubar ■ quebrar pertences

(Atrévido, nº 126. Site: http://atrevido.locaweb.com.br/revista/Edicoes/126/artigo5055_4.asp)

Internet e celular viram armas entre adolescentes, escondidos no anonimato

Mensagens ofensivas que não param de chegar pelo telefone. Fotos em situações constrangedoras circulando pelo e-mail. Fofocas descabidas no Orkut. A geração celular-internet sabe bem que é preciso muito mais do que cuidado para escapar do cyberbullying. “De uns três anos para cá, esse tipo de bullying começou a se tornar mais comum no Brasil”, conta a pedagoga Cleo Fante. “Adolescentes se aproveitam das novas tecnologias para colocar fotos comprometedoras na rede, muitas vezes produzidas por montagens, ou enlouquecer as vítimas enviando mensagens com conteúdo de baixo calão.”

[...] No Brasil, não há pesquisas em âmbito nacional so-



Stockperfi/Image Plus

bre cyberbullying, mas na Inglaterra estudos indicam que a cada quatro meninas, uma é vítima de ataques via celulares, afirma Fante. Pesquisa realizada nos Es-

tados Unidos também demonstrou que 20% dos alunos de ensino fundamental são vítimas de cyberbullying. [...]

(Folha de S. Paulo, 4/6/2006)

Brigada antibullying

Estudantes que odeiam a injustiça sofrida por colegas que são “zoados” todos os dias na sala de aula contam como os ajudam e o que fazem para evitar o problema

[...]

Eles formam uma brigada antibullying, com o objetivo de defender vítimas de agressores, oferecendo suporte moral e conselhos sobre como elas devem agir, conversando com os autores da brincadeira sem graça e até mesmo comunicando à diretoria da escola casos mais graves.

“Penso assim: dê risada com o seu amigo e não dele”, conta M. F. B., 16, estudante do 2º ano do ensino médio do colégio Academia Horácio Berlinck, de Jaú, no interior de São Paulo. Ela foi vítima de

bullying quando tinha seis anos. “Sei como é ruim ser zoadado e não gosto que fiquem fazendo isso com os outros.” Para ela, a plateia que se forma dentro da classe para rir do bullying só incentiva a atitude. “Só tem palhaço porque tem gente que dá risada.”

Na opinião de D. C. de F., 15, estudante do 9º ano da escola municipal carioca Embaixador João Neves da Fontoura, quem se omite também está participando do bullying. “Os alunos ficam com medo ou vergonha de falar com um adulto. Então eles vão ao grê-

mio da escola ou chegam a mim para falar o que está acontecendo, para eu ajudá-los da melhor forma”, conta D., que é conhecido na escola por ter sido presidente do grêmio.

“Aconselho o aluno vítima de bullying a nunca revidar, a nunca agir de forma violenta. Acho que muitas vezes a conversa com um colega funciona melhor do que a conversa com o diretor da escola ou com os pais dos alunos”, afirma o estudante.

[...]

(Folha de S. Paulo, 20/6/2005.)

Estudo dos textos

COMPREENSÃO E INTERPRETAÇÃO

- Com base no painel de textos lidos, responda: O que é o *bullying*?
- Observe a idade e o ano em que estão os autores dos depoimentos reproduzidos no boxe “Eu sei o que é *bullying*”.
 - O *bullying* é um fenômeno que ocorre exclusivamente entre estudantes de certa idade ou de determinado ano escolar? Justifique sua resposta.
 - Compare os depoimentos aos tipos de *bullying* indicados no boxe “As faces da maldade” e identifique o tipo de *bullying* que é praticado em cada um dos depoimentos.
 - Compare os quatro depoimentos e conclua: As crianças que deram os depoimentos estão felizes com a situação? Elas estão sendo ajudadas por alguém?
- Por que a Internet é uma ferramenta que auxilia o praticante de *bullying*?
- As crianças e adolescentes vítimas de *bullying* recebem contar o que vivem aos pais ou aos professores e funcionários da escola por vergonha ou por medo de piorar a situação.
 - Qual é a opinião dos especialistas a respeito disso?
 - No trecho “A diretoria da escola também pode ser avisada, principalmente em casos mais graves, como os de ameaça”, o que você entende por “casos de ameaça”?

O *bullying* em outros países

O fenômeno é conhecido internacionalmente. Veja como é chamado em outros países:

- na Itália: *prepotenza*;
- no Japão: *ijime*;
- na Alemanha: *agression unter schülern*;
- na França: *harcèlement quotidien*;
- em Portugal: *maus-tratos entre os pares*.



Ray Pietro/Getty Images

5. Apesar de alguns estudantes silenciarem quando veem o *bullying* acontecer, nem todos concordam com esse tipo de comportamento. Alguns chegam até a formar uma “brigada antibullying” nas escolas.

- Que tipo de apoio essa brigada dá às vítimas do *bullying*?
- Que tipo de trabalho os integrantes dessa brigada fazem para neutralizar a ação dos agentes do *bullying*?

6. Segundo a estudante M. F. B., “Só tem palhaço porque tem gente que dá risada”.

- O que quer dizer essa frase no contexto?
- Portanto, que estratégia a estudante sugere para neutralizar aqueles que praticam o *bullying*?

7. Leia a opinião do estudante D. C. de F. sobre o *bullying*.

- O ponto de vista desse estudante a respeito das pessoas que se omitem coincide com o de M. F. B.?
- Que estratégia o estudante sugere para neutralizar os agentes do *bullying*?

Sequelas podem se manter na vida adulta e prejudicar carreira

Crianças e adolescentes vítimas de *bullying* podem carregar o trauma pela vida toda. De acordo com especialistas, se o problema não for bem resolvido antes de se chegar à idade adulta, sequelas como dificuldades de tomar a iniciativa ou de se expressar podem atrapalhar os relacionamentos pessoais e até profissionais.

“Muitos adultos não conseguem se manter em cargos de chefia ou dizer o que pensam em uma reunião com medo de serem ridicularizados pelos colegas”, conta a pedagoga Cleo Fante.

(Folha de S. Paulo, 4/6/2006)

Reprodução



Cena do filme *Tiros em Columbine* (censura 12 anos), de Michael Moore, documentário que discute as causas do trágico acontecimento em que dois estudantes da cidade de Littleton (EUA) mataram a tiros doze estudantes e um professor de sua própria escola.

O basta que fere

Edimar, um jovem humilde e tímido de Taiúva (SP), foi vítima de seus companheiros de escola durante onze anos. Por ser gordo, chamavam-no de “mongoloide” e “elefante cor-de-rosa”, entre outros apelidos. No dia 27/1/2003, entrou na sua escola e feriu uma professora, seis alunos e o zelador. Segundo uma das vítimas, que ficou paraplégica, Edimar era um garoto passivo, retraído, com poucos amigos e nunca tinha revidado nem denunciado seus agressores. Na escola, nunca apresentara nenhum comportamento agressivo; era considerado um aluno “normal”.

Fonte: Cleo Fante, op. cit., p. 40.

A LINGUAGEM DOS TEXTOS

1. Os textos que compõem o painel foram publicados em livro, em revista e em jornal. O segundo texto foi publicado numa revista voltada principalmente ao público adolescente feminino. Observe estes trechos:

“você é livre para ser amiga de quem bem entender”
 “Se você estiver certa de que quer a ajuda de seus pais”
 “quando ficamos chateadas não há nada melhor do que o colo”

Conclua: A linguagem está de acordo com o perfil do público-alvo dessa revista? Por quê?

2. No último texto, a estudante M. F. B. afirma: “Penso assim: dê risada com o seu amigo e não dele”. Explique a diferença entre “rir **com** alguém” e “rir **de** alguém”.



Cartaz do filme *Nunca fui beijada*.

O bullying no cinema

Os filmes *Meninas malvadas*, de Mark S. Waters, e *Nunca fui beijada*, de Raja Gosnell, ambos com indicação de censura para 12 anos, abordam o tema do *bullying*. *Tiros em Columbine*, de Michael Moore, além do *bullying*, aborda também a livre posse de armas em vários Estados norte-americanos.

3. A palavra **antibullying** foi formada deste modo: **anti-** (contra) + **bullying**. Note que entre as duas partes da palavra não foi empregado hífen. Isso ocorre porque depois da partícula **anti-** só se emprega hífen quando a palavra seguinte começa com **h**, ou **i**. Levando em conta essa informação, forme palavras com a partícula **anti-** e as seguintes palavras:

alérgico	cancerígeno	infeccioso
esportivo	herói	oxidante
roubo	submarino	vírus



1. Você concorda com os estudantes M. F. B. e D. C. de F. quando afirmam que quem se omite também participa do *bullying*? Por quê?
2. Na sua opinião, quando rimos numa situação em que alguém está sendo vítima de *bullying*, estamos estimulando a prática de agressão? Por quê?
3. Você participaria de uma brigada *antibullying*? Por quê?

Produção de texto

O DEBATE DELIBERATIVO

Entre os gêneros orais, um dos mais utilizados e valorizados socialmente é o **debate**. O debate é um gênero que ficou muito conhecido na televisão, especialmente em razão do interesse despertado pelos debates realizados entre candidatos a cargos políticos importantes em época de eleição.

Mas há muitas outras situações e locais em que o debate é realizado: em escolas, comunidades de bairro, sindicatos, cinemas e teatros, universidades, etc. Dependendo da situação e da finalidade com que é produzido, ele pode ser um **debate regrado público**, utilizado para se conhecerem os diferentes ângulos e pontos de vista que envolvem um assunto polêmico (por exemplo, os projetos de governo de um candidato), ou um **debate deliberativo**, realizado quando se pretende, além de discutir o tema, **deliberar**, isto é, tomar decisões que implicam a ação de algumas pessoas ou de todo o grupo. Neste capítulo, você vai participar de um debate deliberativo.

Você leu diferentes textos relacionados com o *bullying*. Debata com a classe o tema **Como combater o bullying na escola?** Ao final do debate, vocês deliberarão um conjunto de medidas de combate ao *bullying* para ser tomadas pela classe e, se possível, por toda a escola.



Owain Kirby/Getty Images

Preparando e realizando o debate deliberativo

Pensem e discutam diferentes medidas que podem ser tomadas em relação ao problema do *bullying*. Se quiserem, poderão iniciar o debate discutindo a validade das sugestões dadas nos textos

lidos e nas discussões em grupo que fizeram no capítulo anterior, tais como criar uma brigada *antibullying*, conversar com professores, diretores e funcionários, conversar com os agressores. Poderão também pensar em tomar medidas simples, como promover um pacto com os colegas, produzir cartazes e faixas, produzir textos de campanha comunitária ou textos de opinião, realizar palestras, etc. Pensem ainda

O papel do moderador

O **moderador** é a pessoa responsável pela organização do debate: anota as inscrições dos que querem falar, controla o tempo de cada debatedor e zela pelo ambiente de respeito entre os participantes. Tem autoridade para interferir no debate, seja, por exemplo, para informar um debatedor sobre o término do tempo, seja para alertar algum participante sobre uma conduta inadequada, como agredir um colega, falar palavrões, etc.

em outras formas de combate ao *bullying* e discutam-nas durante o debate.

Num debate, é natural que muitas pessoas queiram falar ao mesmo tempo; também é possível que haja ideias divergentes entre um participante e outro. Por isso, para que o debate transcorra de modo organizado e produtivo, convém estabelecer algumas regras.



Avelino Guedes

- Página 159 LD

Como sair-se bem no debate

Se você quer se sair bem no debate, leve em conta estes conselhos:

1. Fale alto, claro e sem pressa para que todos ouçam e compreendam o que você diz.
2. Supere a inibição; mostre segurança, olhando diretamente para as pessoas que o ouvem.
3. Para convencer os colegas, apresente bons argumentos. Por isso, elabore **mentalmente o argumento antes de falar**.
4. Preste atenção no que os colegas falam para não correr o risco de apresentar **ideias já expostas**.
5. Evite empregar gírias ou muita repetição de expressões como **tipo, tipo assim, né, tá?**

1. Sob a orientação do professor, elejam um **moderador**. Se quiser, o moderador **poderá escolher um colega** para ser seu **secretário**, que deve anotar as propostas apresentadas pela classe.
2. Definam o tempo de duração do debate e o tempo máximo que cada debatedor terá para apresentar suas ideias.
3. Para dar início aos trabalhos, o moderador cumprimenta a classe, apresenta o tema que será debatido e abre as inscrições.
4. Quem desejar participar, seja para fazer uma proposta, seja para revidar um argumento de um debatedor, deve levantar o braço ou fazer um sinal ao moderador até que este perceba o gesto e o inscreva para falar.
5. Em situações de polarização entre dois debatedores, o mediador decidirá se permite ou não o direito de réplica e de tréplica aos debatedores.

Antes do início do debate, leiam o quadro "Princípios de um debate democrático".

Princípios de um debate democrático

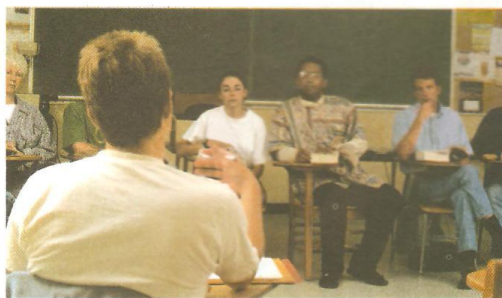
1. Todos os participantes têm o direito de:
 - falar e ouvir livremente (não se deve interromper a exposição do outro);
 - expressar suas ideias com liberdade e ter seu ponto de vista respeitado (não se deve, por exemplo, zombar ou provocar o debatedor durante sua exposição);
 - estar em igualdade de condições com os outros (quanto ao tempo para falar, por exemplo).
2. No debate o confronto é de ideias; assim, a discussão nunca deve ser levada para o plano pessoal.
3. Quando um participante apresenta um **contra-argumento** à opinião de outro, pode haver **réplica**, dependendo do acordo prévio estabelecido entre o **moderador** e os participantes.

Filmando o debate

Se possível, filmem o debate para que, posteriormente, possam examinar seus **pontos positivos** e possíveis falhas. Além disso, a gravação do debate poderá ser exibida na feira **Solidariedade e respeito** que será realizada no final desta unidade, no capítulo **Intervalo**.

Deliberando e executando medidas

Chegando ao fim o tempo estipulado para o debate, o moderador pede ao secretário que leia para todos as propostas apresentadas pelos debatedores e, em seguida, avalia com a classe a conveniência de acrescentar propostas ou eliminar algumas delas. Por fim, põe em votação as ações ou medidas que deverão ser postas em prática.



- Página 160 LD

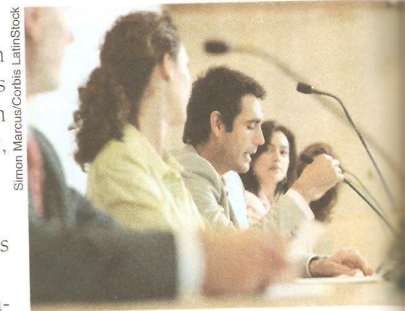
É provável que algumas medidas aprovadas possam ser adotadas imediatamente, enquanto outras exigirão certo tempo e trabalho coletivo. Sugerimos que esse trabalho seja realizado durante as aulas destinadas ao capítulo **Intervalo** desta unidade.

Avaliando o debate deliberativo

Após a realização do debate e das deliberações, façam com o professor a avaliação do debate. Que aspectos foram positivos e quais foram negativos? O que pode ser feito para alcançar um resultado melhor nos futuros debates? Se o debate foi filmado, assistam a alguns trechos dele para tirar dúvidas.

Entre outros, procurem avaliar os seguintes aspectos:

1. As regras estabelecidas foram justas e respeitadas pelos debatedores?
2. Houve alguém que monopolizou a palavra? Por que isso aconteceu?
3. As propostas foram bem apresentadas? Os argumentos foram aprofundados? Houve argumentos repetidos?
4. Os debatedores falaram de modo claro, com altura de voz e postura adequadas? Falaram olhando para o público?
5. Houve agressividade verbal entre os participantes?
6. A linguagem dos debatedores foi adequada à situação? Houve exagerado emprego de gírias ou muita repetição de expressões, a ponto de prejudicar a qualidade da exposição?



Simon Marcus/Cobis LatinStock

A língua em foco

FUNÇÕES DOS PRONOMES PESSOAIS

CONSTRUINDO O CONCEITO

Leia este texto

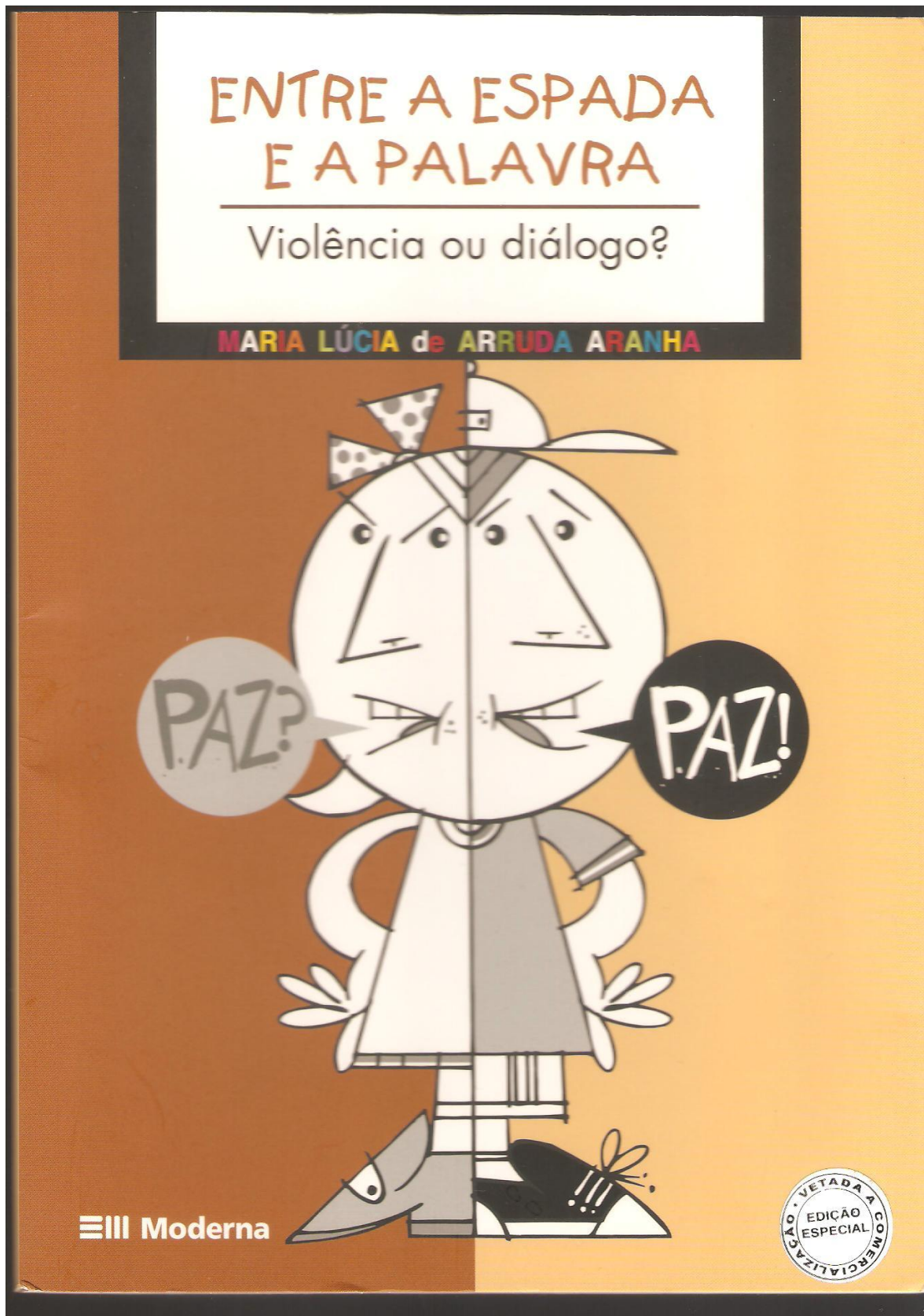


Ricardo Dantas

Eu tenho a sorte Só não cré quem não quer

Um grupo de cientistas liderados pelo professor Richard Wiseman, do departamento de Psicologia da Universidade de Hertfordshire, na Inglaterra, descobriu que os amuletos da sorte só funcionam na cabeça de quem os carrega. A conclusão do trabalho é que eles não aumentam as chances de ganhar nada, mas fazem as pessoas se sentirem mais confiantes (e sortudas). O trabalho foi feito por um grupo de 100 voluntários, que ganharam uma moeda dos tempos da rainha Vitória para “dar sorte”. Durante um mês, todos tinham de anotar, diariamente, o que ela tinha mudado em áreas como finanças e saúde. Os pesquisadores comprovaram que não houve alteração provocada pelas moedas, mas 30% dos participantes afirmaram estar muito otimistas. Os outros também preferiram não arriscar. No final, 70% das “cobaías” pediram para ficar com a moedinha.

(Ciência Maluca — Superinteressante, ed. 199-A, abril 2004.)



- Verso do livro “Entre a Espada e a Palavra”.

APRENDENDO A **COM-VIVER**

Os livros da série **APRENDENDO A COM-VIVER** apresentam temas de convívio social, ética e cidadania, oferecendo aos jovens um espaço de discussão a respeito dos valores que se encontram na base das ações morais e políticas do nosso tempo.

A violência, revelada todos os dias pelo noticiário da tevê e dos jornais, é uma ameaça que nos cerca por todos os lados. Mas ela não se restringe a assaltos, homicídios nem, nos casos mais extremos, à guerra e ao terrorismo. A violência também existe nas sociedades desiguais, em que um número muito grande de pessoas se acha excluído dos bens produzidos, vivendo sem dignidade. Igualmente a encontramos na intolerância, que leva à discriminação e ao preconceito. E hoje, mais do que nunca, ela está presente no sofrimento da natureza devastada pela mão humana. A constatação de tantas expressões de violência deve servir para fortalecer o anseio pela paz, ou, melhor dizendo, para agirmos visando à concórdia, que é a paz compartilhada, desejada e construída por todos.

Outros títulos

Eu e os outros - As regras da convivência
 Qual é a graça? O bom e o mau do humor
 Somos todos diferentes - Convivendo com a diversidade do mundo
 A praça é do povo - Política e cidadania
 A bússola e a balança - Por um mundo mais justo
 Preservando o patrimônio & Construindo a identidade
 Viver em família - Reinventando os laços
 O prazer das compras - O consumismo no mundo contemporâneo
 Paixão, amor, amizade - Relações afetivas na adolescência

 **Moderna**





- Verso do livro "Amor, paixão, amizade".

APRENDENDO A COM-VIVER

Os livros da série APRENDENDO A COM-VIVER apresentam temas de convívio social, ética e cidadania, oferecendo aos jovens um espaço de discussão a respeito dos valores que se encontram na base das ações morais e políticas do nosso tempo.

Na adolescência nossos sentimentos e emoções são sempre intensos, oscilando entre o amor e o ódio profundos. Mas poucas vezes refletimos sobre nossos afetos, suas características e importância no modo como nos relacionamos com as pessoas. Para iniciar essa reflexão, escolhemos um dos afetos, o amor, e discutimos suas várias faces: a paixão, a amizade, o amor em família e o amor entre duas pessoas.

Outros títulos

*Eu e os outros - As regras da convivência
Qual é a graça? - O bom e o mau do humor
Somos todos diferentes - Convivendo com a diversidade do mundo
A praça é do povo - Política e cidadania
A bússola e a balança - Por um mundo mais justo
Viver em família - Reinventando os laços
O prazer das compras - O consumismo no mundo contemporâneo
Entre a espada e a palavra - Violência ou diálogo?
Preservando o patrimônio & Construindo a identidade*

 **Moderna**

